

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

ANA JULIA SCHMIDT SCHWALM

**A COBERTURA DO CASO DO ATAQUE A ESCOLA DE BLUMENAU E A CIRCULAÇÃO DO
DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS**

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ANA JULIA SCHMIDT SCHWALM

**COBERTURA DO CASO DO ATAQUE A ESCOLA DE BLUMENAU E A
CIRCULAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção de grau de Bacharel em
Jornalismo da Faculdade de
Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Orientador
Prof. Dr. Deivison Moacir Cezar de Campos

Porto Alegre

2023

ANA JULIA SCHMIDT SCHWALM

**COBERTURA DO CASO DO ATAQUE A ESCOLA DE BLUMENAU E A
CIRCULAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção de grau de Bacharel em
Jornalismo da Faculdade de
Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Deivison Moacir Cezar de Campos — PUCRS

Prof. Me. Tércio Saccol — PUCRS

Prof. Dr. Moreno Osório — PUCRS

AGRADECIMENTOS

À minha família e amigos, por todo apoio.

RESUMO

O presente trabalho parte da discussão acerca das questões éticas que envolvem a cobertura de atentados, apoiando-se no atentado à creche de Blumenau. O seu desenvolvimento ocorre a partir dos conceitos de mídiatização Braga (2012), Gomes (2016) e Sodré (2014), redes sociais Recuero (2009) e circulação de notícias Neto (2010), Braga (2012) e Grohmann (2020), pensados a partir da relação e das rotinas do homem com a mídia e nas questões éticas que envolvem a cobertura de crimes. Considerando o presente contexto, a pesquisa investiga como a circulação de notícias veiculados por emissoras de televisão em suas contas no *Instagram* repercutiram na rede e como essa repercussão foi acompanhada pelos veículos? Essa dinâmica busca apreender processos de mídiatização. A partir do problema, definiu-se como objetivo geral analisar a circulação de discursos de ódio e desinformação no caso da ameaça de violências contra as escolas desencadeadas pelo ataque à creche em Blumenau. Como estratégias metodológicas foram utilizadas: a pesquisa qualitativa, onde foram analisados dados coletados em livros e artigos, além das buscas das notícias sobre o ataque à creche de Blumenau nos principais canais de comunicação dos veículos analisados e nas suas redes sociais. Observou-se também a repercussão do caso nos comentários das publicações das notícias sobre o crime e nas publicações de usuários a partir de boatos para novos atentados, além da cobertura dos veículos nas redes sociais sobre a repercussão. Os resultados da pesquisa apontam que a mídia, de maneira geral, teve uma postura ética noticiando o caso, já que a maioria das emissoras não deu visibilidade ao agressor. O caso ainda repercutiu nas redes, através de publicações e de comentários que apontavam para boatos de novos ataques, os quais os veículos não os noticiaram.

Palavras-chave: mídiatização; circulação; discurso de ódio; ética; rede social.

ABSTRACT

The present work starts from the discussion about the ethical issues involving the coverage of attacks, based on the attack on the daycare center in Blumenau. Its development occurs based on the concepts of mediatization Braga (2012), Gomes (2016) and Sodré (2014), social networks Recuero (2009) and news circulation Neto (2010), Braga (2012) and Grohmann (2020), thought from the relationship and routines between man and the media and the ethical issues that involve the coverage of crimes. Considering the present context, the research investigates how the circulation of news broadcast by television stations on their Instagram accounts had repercussions on the network and how this repercussion was followed by the media outlets? This dynamic seeks to capture mediatization processes. Based on the problem, the general objective was to analyze the circulation of hate speech and misinformation in the case of the threat of violence against schools triggered by the attack on the daycare center in Blumenau. The following methodological strategies were used: qualitative research, where data collected in books and articles were analyzed, in addition to searching for news about the attack on the Blumenau daycare center in the main communication channels of the vehicles analyzed and on their social networks. The repercussion of the case was also observed in the comments on news publications about the crime and in user publications based on rumors about new attacks, in addition to the media coverage on social networks about the repercussion. The research results indicate that the media, in general, had an ethical stance when reporting the case, as the majority of broadcasters did not give visibility to the aggressor. The case also had repercussions on the networks, through publications and comments that pointed to rumors of new attacks, which the vehicles did not report.

Keywords: mediatization; circulation; hate speech; ethic; social network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	39
Figura 2 –	41
Figura 3 –	42
Figura 4 –	43
Figura 5 –	44
Figura 6 –	45
Figura 7 –	46
Figura 8 –	47
Figura 9 e 10 –	48
Figura 11 –	49
Figura 12 –	50
Figura 13 e 14 –	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 O PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	12
2.1 O PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO SOCIAL.....	12
2.2 O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO E OS DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS.....	15
3 A ÉTICA NA MÍDIA AO NOTICIAR A VIOLÊNCIA.....	21
3.1 O PAPEL DA MÍDIA AO INFORMAR A VIOLÊNCIA.....	21
3.2 VIOLÊNCIA NA MÍDIA E QUESTÕES ÉTICAS.....	24
4 INTERFERÊNCIA DOS CONTEÚDOS.....	29
4.1 O CASO DA VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS (DESCRIÇÃO).....	29
4.2 ANÁLISE DAS COBERTURAS DE NOTÍCIAS.....	33
4.3 DESINFORMAÇÃO E DISCURSO DE ÓDIO NOS COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS.....	39
4.4 A COBERTURA DA MÍDIA ÀS AMEAÇAS NAS ESCOLAS NAS REDES SOCIAIS.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

A circulação de notícias sobre a violência na mídia vem ganhando coberturas diferentes nos veículos de comunicação. Com o objetivo de minimizar o “efeito contágio” que uma notícia pode causar em um determinado grupo - bolhas sociais, as informações dos infratores como nome e imagem não estão sendo divulgadas na mídia, evitando assim dar fama aos assassinos e inspirar novos autores de massacres. Mesmo com todas essas medidas de cuidado da mídia, algumas coberturas acabam ganhando uma proporção maior nas redes sociais, como ocorreu no caso das escolas em abril de 2023.

O ataque com uma machadinha na escola de Blumenau, Santa Catarina, no qual morreram quatro crianças, gerou uma onda de atentados e ameaças sobre outras escolas no Brasil. Com mensagens e ataques nas redes sociais, o pânico foi alimentado entre pais e alunos, que acabaram ficando com medo de irem, ou levarem os seus filhos para o ambiente escolar nos dias seguintes. Esse contexto fez com que muitas delas tivessem aulas canceladas durante parte do mês de abril. Esse acontecimento decorre do uso das redes sociais com objetivo causar pânico na sociedade.

A repercussão do ataque à creche de Blumenau reforça o entendimento de que as mídias ocupam um papel central no processo de socialização e na relação das pessoas com o cotidiano. Com isso, constrói o sentido de mundo, já que o seu papel é de mediar conhecimento e acontecimento. Considerando o presente contexto, a pesquisa investiga como a circulação de notícias veiculados por emissoras de televisão em suas contas no *Instagram* repercutiram na rede e como essa repercussão foi acompanhada pelos veículos?

A reflexão acerca da circulação de notícias sobre discurso de ódio nas redes sociais na mídia, a partir do caso dos ataques nas escolas, aponta para a compreensão de eventos comunicacionais presentes no contemporâneo. A mídia juntamente com os jornalistas, considerando a função social do jornalismo, precisam ter cuidados ao divulgarem acontecimentos como os atentados especificadamente quando eles ocorrem no ambiente escolar, com o objetivo de evitar o efeito contágio que esses ataques nas escolas podem causar, disseminando medo na sociedade. O trabalho terá uma contribuição social ao apontar questões relativas à responsabilidade da mídia, na consciência da coletividade e na segurança escolar.

Para responder a problematização, foi definido como objetivo geral desta pesquisa analisar a circulação de discursos de ódio e desinformação no caso da ameaça de violências contra as escolas desencadeadas pelo ataque à creche em Blumenau. Para isso, pretende-se discutir as questões éticas da cobertura jornalística, avaliar a cobertura da mídia no atentado à creche de Blumenau através da rede social no *Instagram*. Por último, investigar a repercussão do caso e atenção dos veículos às ameaças de novos ataques.

Alguns estudos contribuíram para a pesquisa. Souza (2022) pesquisa a violência no âmbito escolar. Para ele a violência é um componente presente na atualidade, que no âmbito escolar, normalmente é demonstrado quando o jovem de classe popular se encontra sem oportunidades ou não tem o devido reconhecimento social. Belloni (2021), que pesquisa o campo da mídia-educação, diz que foi durante a pandemia que o uso das redes sociais aumentou entre os jovens, momento em que a educação a distância acabou empoderando as escolas e adolescentes e enfraquecendo o papel das escolas como socialização.

Longhi (2020) aponta a necessidade do amadurecimento das normas jurídicas do direito digital e também da responsabilidade civil entre os usuários. Por fim, Lagerkvist (2022) apresenta dois campos contemporâneos de pesquisa de mídia: fenomenologia e estudos existenciais da mídia. Nos seus estudos, ela vê a mídia como infraestrutura para nossos hábitos e formas de nos movimentar e seguir as linhas de nossas vidas. Circulação Neto (2010), Braga (2012), Grohmann (2020), discurso de ódio Barrero (2022), Amorim (2020) e redes sociais Recuero (2009) são os conceitos norteadores desta pesquisa.

Com relação aos procedimentos metodológicos, para a realização do projeto apresentado utilizou-se a pesquisa qualitativa, já que o trabalho analisou os dados coletados sobre o tema em notícias, livros e artigos. A análise das notícias foi feita na perspectiva da ética, utilizando para isso o código de ética dos jornalistas e nas diretrizes editoriais dos veículos. Para os comentários, foi realizada análise de conteúdo, segundo Bardin (2009).

No último capítulo alguns movimentos foram articulados. Foi apresentado dados históricos sobre a violência nas escolas no Brasil, além de contextualizar o atentado à creche de Blumenau. Na segunda seção do capítulo, foi analisada a cobertura do atentado à creche de Blumenau pela mídia, a partir das postagens nas redes sociais da notícia que envolveu o crime e a notícia principal de cada veículo

escolhido. A análise considerou como unidades de sentido a *ética do jornalismo* e as *linhas editoriais* dos programas. Na terceira parte, em que trata sobre a repercussão do caso nas redes sociais, foram observados os comentários nas publicações da notícia do crime; além das próprias publicações em que as pessoas alertavam sobre a possibilidade de um novo crime, sendo esta a categoria utilizada, nas redes X e *Instagram*. Por fim, na última seção, foi analisado como a mídia cobriu a repercussão de ameaças de novos ataques nas redes sociais, a partir das unidades de sentido *notícia e novos ataques*.

2 O PROCESSO DE MEDIATEZAZÃO E A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A mediazazão e a circulação de informações são conceitos interligados que desempenham um papel fundamental na sociedade contemporânea, especialmente no contexto da comunicação e da mídia. Neste capítulo será discutido o processo de mediazazão social, a partir dos conceitos de mediazazão e a relação do homem com a mídia. Na segunda seção do capítulo, o processo de circulação e os discursos de ódio nas redes sociais serão pensados a partir da perspectiva do que significa existir na mídia.

2.1 O PROCESSO DE MEDIATEZAZÃO SOCIAL

A mediazazão se refere ao processo pelo qual as mídias de comunicação se tornam integrantes e influentes na sociedade, podendo moldar a forma como as pessoas percebem, interagem e compreendem o mundo. A partir do contexto de mediazazão é possível analisar a realidade contemporânea, já que a mediazazão influencia setores abrangentes da sociedade, como na opinião pública em diferentes aspectos.

Braga (2012) entende que a mediazazão da sociedade é decorrente da “ação dos meios”, seja devido à influência da indústria cultural, à evolução tecnológica ou à influência dos ambientes institucionais e profissionais que cercam esses processos. Para ele, todos esses fatores contribuem para a configuração do que chamamos de “campo dos media”.

Gomes (2016) segue na mesma linha. Para ele, a mediazazão envolve a sociedade como um todo, bem como a experiência humana em si. Ele diz que a mediazazão compreende um par de movimentos simultâneos e dialéticos. Por um lado, ela emerge como resultado das relações, interações, conexões e interconexões que surgem do uso dos meios de comunicação pela sociedade, aprimorados pela tecnologia digital. Por outro, representa um novo ambiente social que impacta profundamente essas mesmas relações, interações, conexões e interconexões que formam o tecido da sociedade contemporânea.

Para Sodré (2014), a mediazazão refere-se ao funcionamento das tradicionais instituições sociais e do indivíduo com as tecnologias de mídia, no qual o indivíduo e o mundo são descritos por ele próprio a partir da imagem gerada por um

código tecnológico. Isso significa que a forma como as pessoas percebem a realidade e se relacionam com as instituições sociais é fortemente influenciada pelas representações mediadas pela tecnologia. Sodré (2014, p.108) diz ainda que

A midiatiza o  , portanto, uma elabora o conceitual para dar conta de uma nova instância de orienta o da realidade capaz de permear as rela es sociais por meio da média e constituindo - por meio do desenvolvimento acelerado dos processos de convergência midiática - uma forma virtual ou simulativa de vida, a que já demos nome de bios midiático (ou bios virtual).

  possível perceber assim diferentes perspectivas do conceito de midiatiza o. Braga (2012), parte da perspectiva de que a midiatiza o da sociedade   decorrente da a o dos meios de comunica o. Para Gomes (2016), a midiatiza o emerge como resultado as rela es, intera es, conexões e interconexões que surgem a partir do uso dos meios de comunica o, representando um novo ambiente social. Para Sodré (2014), trata-se de uma nova ambiência tecnológica.

Os estudos de midiatiza o mostram que os processos de media o tecnológica tornaram-se centrais nas rela es sociais e pessoais na sociedade contemporânea. McLuhan (1964) já apontava nos seus estudos que não era o meio que gerava efeito ideológico nas pessoas, mas sim a interferência dos seus conteúdos. Segundo ele, a mensagem de qualquer meio ou tecnologia   a mudança da escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas.

Os conceitos de McLuhan, que foram pensados nas comunica es através dos computadores e das telecomunica es, ajudam a compreender a rela o com os meios de comunica o. Seus conceitos surgiram antes da internet ser inventada, mas seguem contribuindo para a sociedade compreender o tempo em que vive. Para ele, o meio sempre   e será a mensagem, isso pelo fato de que ele molda a forma o de associa o e intera o humana. Na atualidade, portanto, a m dia está envolvida em todas as esferas da vida moderna e   através dela que a percep o de mundo da coletividade   gerada.

Tradicionalmente, a média tem como papel informar o cidadão sobre o mundo ao seu redor, permitindo que as pessoas tenham acesso   informa o. Ela trabalha para que o cidadão tenha transparência em saber os acontecimentos e ajuda na

conscientização e na tomada de decisões da população com o mundo. É através da mídia que a percepção da realidade das pessoas e a interpretação delas sobre acontecimentos é moldada, sendo que a forma como os acontecimentos são noticiados podem influenciar significativamente os telespectadores, leitores e ouvintes de diferentes maneiras.

A maioria das famílias, em geral, começam e terminam o seu dia com a mídia. Para Pink e Mackley (2013), a mídia faz parte das experiências, hábitos e das rotinas diárias das pessoas. Segundo eles, o uso rotineiro da mídia faz com que a casa “pareça bem” e usam a música, rádio ou TV para criar a 'atmosfera' certa. Isso se refere, em parte, a como as pessoas usam o conteúdo da mídia conscientemente para criar o ambiente sensorial e experiencial do lar.

Ainda segundo Pink e Mackley (2013), a mídia continua a fazer parte da casa mesmo quando seu conteúdo não está ativo. Portanto, podemos ver sua incorporação nas rotinas relacionadas à mudança e aos diferentes status, como 'desligado', 'em espera' ou mediando ativamente o conteúdo.

Isso significa que as pessoas moldam as suas rotinas através da mídia, como quando 'desligado' pelo motivo da programação favorita já ter acabado, ou ligado quando o programa começou. Acordar com o despertador, ler as notícias de manhã e ouvir o rádio no carro enquanto se dirige ao trabalho são hábitos comuns que mostram como a mídia está presente na vida cotidiana das pessoas.

A mídia no contemporâneo tornou-se um ecossistema mais complexo e está em constante transformações. As mídias tradicionais, como a televisão, o rádio e os jornais desempenham um papel importante na sociedade, mas têm sido desafiadas pelas mídias digitais, como as redes sociais.

As redes sociais permitem que as pessoas se conectem e compartilhem informações de forma rápida e transformou a forma como as pessoas se comunicam, informam e se relacionam. Wasserman e Faust; Degenne e Forse, apud Recuero (2009 p.24) define as redes sociais “como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”.

Para Recuero (2009), através das redes sociais pode ser observado os padrões e conexões de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre os seus diversos atores. Tendo a abordagem da rede assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Na contemporaneidade, as redes sociais são um componente essencial na circulação de informações, na construção de identidades e na formação de opiniões. Os hábitos da sociedade através da tecnologia fazem parte das rotinas diárias que a sociedade segue. Na amostra da pesquisa de Pink e Mackley (2013), a maior parte das famílias que fizeram parte da sua pesquisa iniciou e terminou o dia com o uso das mídias e dos celulares.

Observa-se assim que os processos de mediação, decorrente da ação dos meios e do indivíduo com a mídia, atingem a sociedade como um todo, abrangendo tanto as mídias tradicionais quanto as redes sociais. A adaptação das rotinas individuais por meio desses meios é um reflexo do nosso tempo, no qual a tecnologia exerce uma mediação constante e está ao alcance de todos.

2.2 O PROCESSO DE CIRCULAÇÃO E OS DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS

A circulação aponta para a forma como a mídia molda e dissemina informações e a maneira com que impacta na formação de opinião, na tomada de decisões e na construção da sociedade. Para Neto (2010), as transformações no âmbito da circulação tornam-se cada vez mais visíveis, sendo que o seu conceito complexifica-se e percorre um caminho longo.

Situada na “arquitetura comunicacional e seus processos de mediação crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste “terceiro pólo”, especialmente o seu trabalho constituinte de novas possibilidades internacionais. A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e é, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, que sua “atividade construcionista” complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento (Neto, 2010, p.55).

A circulação, que já foi vista apenas como a passagem do emissor ao receptor, adquire a característica de “fluxo adiante” em que os receptores são ativos e passa a ser vista como o espaço de reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação, o que faz com que o receptor faça seguir adiante as reações que

recebe (Braga, 2012). Isso quer dizer que, com as mudanças tecnológicas, a maneira como as informações circulam e são comunicadas na sociedade estão sendo afetadas, ou melhor, transformadas.

Grohmann (2020) traz três dimensões distintas para o que é circulação na comunicação, sendo a perspectiva semiodiscursiva, os estudos culturais e a circulação comunicacional do capital. Segundo ele, quando ocorre a circulação comunicacional:

a ênfase (o que não significa nem determinação nem totalidade) recai sobre os “sentidos” sejam eles discursivos, culturais ou do capital circulados nos processos e relações de comunicação, midiáticos ou não. Essa circulação apresenta marcas, rastros e vestígios a partir de dimensões espaciais, temporais e seus contextos sociais, inclusive ideológicos. Os contextos da circulação ajudam a desenhar lutas e embates em torno da circulação comunicacional, entre circulação e não circulação (impedimentos e interditos). São lutas por sentidos em circulação – produzidos, consumidos, “ressemantizados” e cristalizados. Grohmann (2020, p.3)

Compreende-se assim que a circulação apresenta uma complexidade e percorre um caminho extenso. Para Neto (2010), a partir dela se instituíram novas formas de interação entre produtores e receptores de mensagens. Para Braga (2012), na circulação, os receptores são ativos, fazendo circular ainda mais as informações que recebe. Já para Grohmann (2020), a circulação apresenta marcas, rastros e vestígios a partir de dimensões espaciais, temporais e dos seus contextos sociais, ou seja, a informação que circula também diz sobre a circunstância que o indivíduo que transmite a informação se insere.

A partir das definições dos autores sobre circulação, é possível pensar nas transformações das relações entre mídia e sociedade, bem como o que significa existir na mídia em tempos de circulação. Para isso, Lagerkvist (2022) propõe ao campo formas de repensar a existência na mídia, com questionamentos profundos sobre “o que significa ser humano” na era digital, abrangendo campos como digital situações de limite, vulnerabilidade digital-humana.

Mcluhan (1964, p.63) afirma: “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação do nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo.” Segundo ele, não existe como nos recusarmos aos sentidos provocados pelos meios já que é impossível “fecharmos” o sentido que a imagem provocada pela televisão gera em nós mesmos, por exemplo. Ainda assim, o efeito do conteúdo que o meio fornece pode variar de

cultura a cultura dependendo das relações e concepções de mundo dos telespectadores.

Na cultura atual, onde a digitalização se tornou ubíqua, parece não haver limites para sua expansão. Nossa sociedade está imersa em uma cultura na qual as tecnologias digitais permeiam praticamente todos os aspectos da vida humana, sejam elas visíveis no ambiente à nossa volta, em dispositivos vestíveis ou até mesmo incorporadas em nossos corpos. Essas formas de mídia digital estão intrinsecamente conectadas a nossos corpos, enquanto nossa identidade física e traços que se estendem globalmente estão profundamente interligados com a vida cotidiana altamente tecnológica (Lagerkvist, 2022).

Lagerkvist (2022) foca nos limites de situações entre o homem e a mídia. Para ela, não somos seres apenas tecnológicos, também somos seres finitos já que a própria existência humana é limitada dentro dos seus limites. Muitas definições surgem ao tentar explicar as situações de limite, e na verdade, como argumenta Jaspers citado por Lagerkvist (2022), isso nunca poderá ser alcançado dentro de qualquer compreensão completa.

Lagerkvist (2022) traz duas perspectivas sobre a condição limite e a situação limite. Para ela, a mortalidade, a exposição a perigos, sofrimento, conflito ou culpa, é uma condição limite inseparável da vida humana. Já uma situação limite, pelo contrário, é aquela situação pessoal em que diversas condições limite se manifestam de forma aguda e colocam em foco do indivíduo tomar consciência da própria existência. São situações da vida em que simplesmente temos que conviver.

Jaspers apud Lagerkvist (2022) diz que a situação limite refere-se àqueles momentos incondicionados da existência humana, em que impulsos intensos nos expõem aos limites e nos motivam a procurar modos de conhecimento mais elevados ou mais refletidos. Estar na situação de limite digital significa, estar vivo com um mundo tecnológico em rápida mudança, em deslocamento. Para Lagerkvist (2022), ser lançado na situação limite está profundamente relacionado com o conceito de vulnerabilidade.

A mídia numa perspectiva existencial propõe como podemos repensar a existência nos meios de comunicação tanto para a construção das relações como os limites do ser. Ao mesmo tempo em que a nossa existência na mídia é limitada, de outra forma também não é, já que estamos cada vez mais interconectados, com

maior controle sobre a criação, disseminação de conteúdo, e liberdade para moldar nossa própria narrativa e presença na mídia.

Existir na mídia em um tempo de circulação também significa existir na mídia a partir do processo de midiaticização, onde tudo é mediado e as pessoas compartilham as suas informações pela internet. Para Sodré (2014) na rede eletrônica, as pessoas não se conectam apenas para comunicar um importante conteúdo, mas sim pelo êxtase da conexão. O que a neurociência atual explica como o ato do contato a distância do cérebro com as máquinas.

É na circulação de informações pelas redes sociais, no processo de existir nela e nessa êxtase de conexão, que a disseminação de informações, opiniões e conteúdo é compartilhado. O processo de circulação de informações pelas redes sociais, pode promover tanto o bem, com conscientização sobre questões sociais, quanto disseminar informações falsas, desinformações e discurso de ódio, quando não usado de forma responsável.

A circulação de informação nas redes sociais, leva ao surgimento de bolhas sociais, onde as pessoas só têm acesso a informações que confirmam suas crenças. Quando as pessoas se conectam com outras pessoas que compartilham dos seus mesmos interesses e assuntos, vão sendo criadas a formação de bolhas dentro das redes sociais. Essa formação de bolhas acontece a partir do uso dos algoritmos das redes, em que ela determina o conteúdo que a pessoa verá na sua tela, com o intuito de manter as pessoas mais engajadas com determinados assuntos a partir da sua interatividade.

Para Barreto (2022) a formação de bolhas são confinamentos criados em redes sociais que utilizam os usuários dessas tecnologias

A nomenclatura bolha denota a ideia de que há grande homogeneidade entre os membros destes confinamentos e em razão disso os usuários das tecnologias recebem apenas informações similares àquelas com as quais já coadunam, passam a ser cercadas de pessoas que pensam e se manifestam de forma muito parecida, seja no campo da política, ideológico, comportamental, religioso, ou outro tipo de crença. Barreto (2022, p.13)

Beskey e Harala apud Barreto (2022) definem que o conceito de bolhas vem sendo modificado com o surgimento e popularização das redes sociais. Ainda assim, essas bolhas podem ser entendidas como um espaço que serve para juntar concordâncias de grupos públicos e interações. Esse conceito também pode ser influenciado pelo impulso dos algoritmos para detecção de perfil psíquico, social,

econômico e político, em que o usuário das aplicações tecnológicas perde o controle sobre seu ciclo social e passa a ser controlado pela decisão de um algoritmo, o que classifica cada ação feita na rede e escolhe as pessoas que mais se assemelham aos seus atos para continuar disponibilizando a informação compartilhada por ela.

Alguns motivos podem explicar a proliferação de notícias e informações falsas dentro das bolhas sociais. O convencimento dos usuários em acreditar nas informações que pertencem a sua visão de mundo particular é movida pelo sentimento de veracidade dos usuários. Para Amanda Ripley (2019) sentimos sempre uma vontade involuntária de defender o nosso lado, sendo impossível assim nos sentirmos curiosos em compreender o outro lado (outra bolha nesse caso) quando nos sentimos ameaçados em nossa própria visão de veracidade.

Dentro das suas próprias bolhas sociais, os usuários se sentem seguros das suas informações. Quanto maior a sua interação dentro das redes, mais ativo ele será dentro da sua bolha e mais convencido ele estará dos conteúdos disponibilizados para ele.

É dentro desse contexto de bolha, em que os indivíduos se associam a aqueles que pensam e agem igual, que surgem os discursos de ódio nas redes. Com as bolhas sociais, se estabelece um ambiente propício para esse discurso. A proliferação de discurso de ódio pelo ciberespaço permite que grupos vinculados às redes sociais de uma mesma bolha usem essas redes comuns para influenciar cada vez mais um número maior de pessoas a ataques na internet, por exemplo.

Para Gomes (2022), as redes sociais são consideradas plataformas privilegiadas para observar manifestações que podem ser classificadas como discurso de ódio, tendo um maior potencial de disseminação. Com as redes sociais, esses discursos têm encontrado um espaço mais visível na esfera pública, com uma maior capacidade de se prolongarem e propagarem.

Schäfer, Leivas e Santos apud Amorim (2020), entendem o discurso de ódio como uma prática dirigida a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo baseando-se em uma segregação, sendo que para isso, é entoado uma fala articulada e sedutora para um determinado grupo, que articula muitas vezes meios de opressão.

Para Barrero (2022) o discurso de ódio é aquele que mais adere e se propaga, podendo eleger inimigos ideológicos, políticos, morais e de classe social. Para ele esse discurso além de disseminar o ódio, aumenta a discriminação.

Um dos maiores desafios enfrentados no combate do discurso de ódio é a opacidade desse discurso que, não raro, surge travestido de piada, consideração genérica ou inofensiva. Importante salientar que mitigar o discurso de ódio exige preservar a liberdade de pensamento e expressão, considerando sua proteção um primado das democracias modernas, mas que provocam responsabilidade nas situações de discursos odiosos, caluniosos ou discriminatórios. (2022, p.14)

Com essa circulação de informação de ódio nas redes sociais, dentro de determinadas bolhas sociais, em alguns casos isolados, se estabelece o efeito contágio.

O efeito contágio nas redes acontece quando um conteúdo viraliza e é compartilhado por um grande número de pessoas. Com a circulação de um conteúdo sobre violência, por exemplo, a partir de um grande número de compartilhamentos nas redes sociais, essa mesma violência pode viralizar tanto no ambiente online quanto na vida real.

Em determinados contextos sociais, diante de determinados comportamentos, a proliferação de informações sobre ataques, por exemplo, podem funcionar como uma espécie de gatilho, deflagrando um comportamento em série, explicado pelo efeito contágio. (Frazão, 2023)

Como veremos no próximo capítulo, para evitar o efeito contágio em determinadas situações, a mídia tem um papel fundamental ao informar casos como os de violência de maneira adequada. Entretanto, para Frazão (2023) os recentes exemplos de massacres mostram que a principal dificuldade em lidar com o tema ocorreu nas redes sociais, em que diversos indivíduos ou grupos extremistas divulgaram com relativa facilidade conteúdos comemorando os ataques e incitando novas ocorrências.

3 A ÉTICA NA MÍDIA AO NOTICIAR A VIOLÊNCIA

A ética nas práticas jornalísticas, assim como em outras áreas, desempenha um papel fundamental, principalmente ao noticiar a violência e a criminalidade. Nesse segundo capítulo será abordado na primeira parte qual é o papel da mídia ao informar a violência, a partir de estudos que apontam que a notoriedade do autor pode levar ao contágio e a efeitos de imitação de outras pessoas a cometerem crimes semelhantes. Na segunda seção do capítulo relação entre a violência na mídia e as suas questões éticas serão pensadas a partir do código de ética dos jornalistas.

3.1 O PAPEL DA MÍDIA AO INFORMAR A VIOLÊNCIA

A mídia tem como papel informar o cidadão sobre o mundo. O conteúdo noticiado nos veículos de comunicação pode influenciar significativamente os telespectadores, leitores e ouvintes de diferentes maneiras, moldando a percepção da realidade das pessoas e a interpretação delas sobre acontecimentos. O efeito contágio, também conhecido como comportamento imitativo, é um dos aspectos da influência da mídia na sociedade, como foi visto no caso das violências nas escolas.

A divulgação de detalhes de crimes e dados de infratores, como os de casos como os de violência contra a escola, vem gerando uma onda de discussões. Se por um lado a mídia deve divulgar essas informações para informar a sociedade sobre o acontecimento, como é o seu papel, alguns estudos, como os de Lankford e Madfis (2020) e Dearie (2018), debatem melhores maneiras de abordar assuntos como este, com o cuidado de não dar a “fama” para assassinos de massacres, como é o que os infratores buscam em muitos dos acontecimentos.

Desta forma, muito se discute sobre o papel da mídia ao informar atos violentos, pois, como referido, a forma em como ela relata pode ter um impacto significativo na sociedade e no desdobramento das notícias. Com o aumento de ataques nas escolas no Brasil, debates sobre como deve ser a cobertura da mídia de crimes dessa natureza foram levantados. Alguns veículos de imprensa, como a *Band* e o *Grupo Globo*, vem tomando uma iniciativa de cuidados na hora de noticiar, por exemplo, o nome dos agressores, imagens e até detalhes dos crimes.

Essa decisão foi tomada a partir da orientação de instituições como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e Associação de Jornalistas de Educação (JEDUCA). Os estudos de Lankford e Madfis (2020) e Dearie (2018) apontam a mesma orientação, eles alertam que, em alguns casos, os agressores e criminosos buscam ganhar fama e notoriedade da mídia ao cometerem atos violentos. Dessa maneira, esses agressores buscam chamar a atenção da mídia com crimes violentos, alcançando uma forma distorcida de reconhecimento e buscando influenciar outras pessoas. Em tese, ao noticiar detalhes dos agressores em ataques a escolas, por exemplo, outros jovens acabam sendo incentivados a cometerem crimes semelhantes.

Para Lankford e Madfis (2020), se conseguirmos mudar a forma como os meios de comunicação social cobrem os atiradores em massa, poderemos ser capazes de negar a muitos infratores a atenção que procuram e dissuadir alguns futuros perpetradores de atacarem. Eles acreditam que a cobertura mediática dos atiradores em massa recompensa-os, tornando-os famosos, e proporcionam um incentivo claro para futuros infratores atacarem.

Lankford e Madfis (2020), diz que nos Estados Unidos, muitos dos atacantes e assassinos admitem depois do crime explicitamente que querem fama e recorrem assim às organizações de comunicação social para a obter. Outro dado interessante é que, de acordo com Lankford e Madfis (2020), os infratores em busca de fama matam e ferem mais do dobro de vítimas do que outros atiradores ativos. Isso significa que os atiradores em massa que buscam fama tendem a ser criminosos mais mortíferos, que outros, e buscam explicitamente a fama, utilizando-se da mídia para promover seus ataques.

Para os criminosos, quanto mais cruel for o crime, maior destaque seu crime ganhará e proporcionalmente, maior será a sua “fama” dada pela mídia. Esse padrão de quanto maior for o crime, maior será a sua proporção, é infelizmente um padrão imposto, sem a intenção de gerar mais crimes, pela mídia. A cobertura excessiva da mídia sobre agressores em casos de assassinatos em massa pode recompensar esses criminosos dando a eles a notoriedade que tanto desejam.

Além da fama e da notoriedade, a cobertura da mídia sobre atiradores em massa leva ao contágio e a efeitos de imitação de outras pessoas a cometerem crimes semelhantes. Lankford e Madfis (2020), usam o exemplo mais conhecido de

contágio induzido pela mídia, como quando os suicídios são altamente divulgados pela mídia, um aumento temporário nas taxas de suicídio é notificado.

Lankford citado por Lankford e Madfis (2020) mostra que o efeito contágio em suicídio e em assassinatos, como os das escolas, são semelhantes, já que esses infratores também são frequentemente suicidas. Nos Estados Unidos, por exemplo, 50% dos assassinatos ativos cometem suicídio ou recusam-se a render-se e são mortos pela polícia, o que muitas vezes constitui “suicídio cometido por polícia”. Lankford e Madfis (2020) defendem que se os meios de comunicação adotassem uma política de “não os nomeie, não os mostre”, afetaria os atiradores em massa e garantiria que todos os infratores recebessem a mesma quantidade de fama pessoal: nenhuma.

Para Freitas e Gonçalves (2020) a produção de dramatização e sensacionalismo com base nos acontecimentos que são construídas através dos meios abertos de comunicação em massas e dos telejornais, como nas escolhas das temáticas tratadas nas matérias escolhidas e os seus respectivos efeitos gerados, não deixam de ser ações políticas.

No entanto, sabe-se que os jornalistas e os veículos de comunicação em geral têm o dever de serem profissionais éticos e imparciais, não podendo dramatizar a divulgação de notícias de caráter mórbido ou sensacionalistas ao noticiar crimes. Ainda assim, Ramos e Novo apud Freitas e Gonçalves (2020) entendem que as notícias não são imparciais, já que elas trazem consigo uma visão/representação do que seria o mundo, independentemente do conteúdo que ela divulga, já que a verdade e a realidade é divulgada através dela.

A emblemática de noticiar os dados do assassino gera uma série de discussões. Por um lado, a mídia tem o dever de ser transparente com a sociedade e noticiar os acontecimentos do mundo, mas, por outro, ela estaria protegendo uma população ao não divulgar o nome e a imagem de um assassino.

A não divulgação de detalhes do infrator pode ser entendida como uma forma de proteger a sociedade de demais ataques, evitando o efeito contágio. Ainda assim, alguns veículos optam por divulgar esses detalhes pois acreditam que a população tem o direito de saber essas informações, já que o agressor pode estar foragido, por exemplo, e ser perigoso para a população

Com isso, acredita-se que a melhor maneira de divulgar esses atos, como em crimes em escolas, é dando uma maior visibilidade para as vítimas nas matérias,

sem dar palco aos agressores e as suas loucuras, sendo que é isso que eles buscam ao cometer crimes desse caráter.

3.2 VIOLÊNCIA NA MÍDIA E QUESTÕES ÉTICAS

A relação entre a violência na mídia e as suas questões éticas têm sido um ponto de discussão, tanto nas redações, quanto nas esferas públicas e acadêmicas. O fenômeno da violência na mídia, levanta questões profundas sobre a ética da noticiabilidade dos conteúdos e seu impacto na sociedade, podendo abranger tanto os conteúdos gerais das mídias, como os conteúdos online e as notícias que envolvam a criminalidade.

Noticiar crimes na mídia, assim como outros acontecimentos, envolve questões éticas significativas, especialmente quando crimes agressivos e sensacionalistas ganham grande proporção na cobertura jornalística. Assim, os jornalistas enfrentam o desafio de equilibrar o direito do público à informação com a responsabilidade de não amplificar a tragédia.

A ética jornalística exige a consideração de princípios fundamentais, como a privacidade das vítimas e a permanência da inocência dos acusados, até que a justiça prove o contrário. Além disso, a forma como os crimes são reportados pode influenciar a percepção pública e contribuir para a estigmatização de determinados grupos sociais.

Para ter como base as diretrizes e princípios do seu comportamento profissional, o jornalismo se baseia no seu Código de Ética. Embora o Código de Ética dos jornalistas - que teve a sua última atualização em 2007 - seja importante para a profissão, Lima, Mick, Nicoletti apud Batista (2022) apontam que para 67% dos profissionais o documento é “insuficiente e incompleto”.

O Art. 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros diz que todo e qualquer cidadão tem o direito de ser informado e de ter acesso a essa informação. É incontestável que o cidadão deve ter esse acesso a informação, no entanto, a questão se põe em causa quando for considerada os potenciais de impactos contagiantes que uma notícia divulgada pode desencadear em certos membros da sociedade, como nos casos de criminalidade.

Sobre isso, o Capítulo III - Art. 11. II - que trata sobre a responsabilidade profissional do jornalista no seu Código de Ética, ressalta que o jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista, ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes. Essa parte do artigo se relaciona aos cuidados impostos pela mídia com a noticiabilidade dos crimes.

Christofoletti (2008) diz que grande parte do que chamamos de realidade nos chega através dos meios de comunicação, tendo a mídia ocupado um lugar central na vida de todos, já que ela ajuda a moldar o nosso imaginário, estabelecer nossas prioridades e decidir e descartar opções. Para ele, essa centralidade que ocupa a mídia traz muitas preocupações de natureza moral e ética, já que os meios de comunicação ostentam de um magnífico poder e, por isso, possuem uma responsabilidade igualmente gigantesca.

No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus comprometeros e valores. Podem tentar suspender suas opiniões em certos momentos, mas, se por acaso esquecem suas funções e suas relações com o público, vão colocar tudo a perder. Christofoletti (2008, p.11)

Para Christofoletti (2008), a ética tem duas dimensões, uma moral e a outra social. Na moral, são cultivados os valores pessoais e individuais, já na social, operam os valores dos grupos sociais, como a família, trabalho, amigos e escola. Essas dimensões da ética fazem com que as decisões não sejam tão somente pessoais ou sociais. Ao definir a ética, Christofoletti (2008, p.16) diz que “é o pensamento sobre as regras e nossas relações com o mundo: se vamos ou não acatar as normas, e por que fazemos uma coisa e não outra.”

Ainda segundo o autor, Christofoletti (2008), enfrentar os mitos do cotidiano que envolvem a ética ajuda a ver com lucidez os desafios que o jornalismo nacional tem diante de si. “A ética pode não ser concreta, mas as consequências de uma decisão ética repercutem no plano material. E, dependendo da dimensão do erro, o resultado pode ser fatal. A ética não é material, mas pode ser sentida na pele as suas consequências” (p.19). As ramificações de uma escolha ética se manifestam no mundo real, já que dependendo da gravidade do equívoco, as repercussões podem ser devastadoras, como quando equívocos são noticiados.

Nesse sentido, no jornalismo, quando o editor tem que escolher entre divulgar a foto do acusado na capa ou não, a decisão não recorre somente à sua consciência, mas também na linha editorial da empresa em que trabalha, nas definições de notícia e no seu contexto sociocultural. O mesmo ocorre quando o repórter escalado para acompanhar casos de violência tem de selecionar o essencial do fato, apurar informações, ouvir os lados da história e ordenar e estruturar os dados.

O autor também critica os jornais que frequentemente priorizam fotos de criminosos violentos em suas primeiras páginas e dificilmente dão as capas para os políticos corruptos ou empresários que desviam dinheiro. Ele argumenta que essa abordagem revela discrepâncias nos critérios de noticiabilidade, que parecem variar com base nas classes sociais. O autor enfatiza a importância de dar igual importância e respeito a diversas fontes de informação e às pessoas que compõem a sociedade.

Sobre esse aspecto, Batista (2022) diz que a maneira como os jornalistas aderem aos princípios éticos tem um impacto direto na confiança do público nas notícias e na reputação da mídia. Ainda assim, para ela, a questão da ética e da credibilidade é relevante e complexa. Embora esses elementos estejam nas bases do jornalismo, a relação entre eles não é uma conexão direta quando encaminhada à prática jornalística fora do âmbito normativo. Embora a lógica sugira que maior ética resulta em maior credibilidade, na realidade profissional, não é suficiente para um jornalista simplesmente aderir aos princípios éticos do código de conduta para conquistar a confiança do público. Além disso, os esforços individuais de aderir à ética podem ser inadequados se a organização de mídia em que o jornalista trabalha mantém relações questionáveis com o poder, por exemplo.

Para Sodré (2014, p.114) “a fraqueza ética decorre muito possivelmente da midiática generalizada, que existe num espaço-tempo diferente daquele que sempre presidiu aos conceitos de sociedade, política e história”, consequência da velocidade dos meios atuais.

Observa-se que, o equilíbrio entre a divulgação da informação relevante e o respeito pelos princípios éticos é crucial quando se trata de noticiar crimes na mídia. A abordagem da violência na mídia e as suas questões éticas envolvem tanto a ética dos conteúdos transmitidos pelos veículos de comunicação por jornalistas, quanto os conteúdos disseminados nas redes. No novo ecossistema, outros atores além dos

tradicionais meios de comunicação produzem informação que é colocada em circulação pelas redes sociais e produzem informações, que nem sempre são utilizadas de maneira adequada.

Longhi (2020) reflete sobre a responsabilidade civil nas redes sociais, e dentro de vários assuntos, trata sobre a complexidade que a "liberdade de expressão" nas redes sociais engloba. Para ele, utilizar da "liberdade de expressão" para acobertar atitudes irresponsáveis na internet ultrapassa dos valores constitucionais e da dignidade da pessoa humana em todos os seus aspectos, pois "em outros termos, usar o direito fundamental à liberdade de expressão como base na 'inimputabilidade' de todo e qualquer intermediário da rede esconde a tutela de um único direito fundamental em detrimento de todos os outros: a livre iniciativa." (Longhi, 2020, p.95)

Enquanto a liberdade de expressão é um direito fundamental que permite que as pessoas expressem suas opiniões e ideias livremente, incluindo críticas e discordâncias, seu alcance e limites tornam-se mais delicados no contexto das redes sociais e do discurso de ódio. Ao problematizar essa democracia absoluta das redes sociais, Belloni (2021, p.272) diz que

Além da pornografia e da violência espetacularizada, comércio dos mais lucrativos da indústria cultural desde sempre, temos agora a democracia absoluta das redes sociais, rainhas da internet, onde o anonimato permite tudo. Os "conteúdos" e games constroem um universo virtual cada vez mais presente, onde a violência aparece estilizada, estetizada, suavizada, naturalizada, misteriosa, envolta no charme da sexualidade.

Para Belloni (2021) foi durante a pandemia que a legitimação do uso das redes sociais aumentaram entre os jovens. Neste momento, a escola virtual e a educação a distância acabaram empoderando as crianças e adolescentes, enfraquecendo o papel das escolas e sua função como instituição de socialização. Isso teria aberto espaço para uma abrangente proliferação de conteúdos violentos nas telas, bem como ao aumento da produção por partes dos usuários de mensagens raivosas e crimes de assédio moral e psicológico.

A utopia da internet, o sonho da democratização da comunicação, onde todos seriam iguais na produção e difusão de mensagens, está se tornando um terrível pesadelo, onde reinam fake news, mensagens de ódio e violência inéditas. Belloni (2021, p.274)

As redes sociais hoje já contam com curadorias, banindo conteúdos que entram nas categorias de: nudez e atividade sexual adulta, bullying e assédio, nudez infantil e a exploração sexual de crianças, contas falsas, discurso de ódio, a venda de drogas ou armas de fogo, spam, propaganda terrorista, e violência. Ainda assim, fazer curadoria de conteúdo nas redes sociais é uma tarefa desafiadora por vários motivos, principalmente o volume massivo de conteúdo e a diversidade desses conteúdos. A curadoria feita pela Meta, por exemplo, ajuda a combater as informações falsas e discurso de ódio nas redes, mas ainda não é a solução para todo o problema, já que a maioria dos casos citados acima ocorrem nas plataformas dela.

É a partir do uso da rede pelo homem comum, citada por Sodré (2014), em que o indivíduo médio ou comum consome conteúdo midiático, como televisão, rádio, jornais e internet, de onde sai os discursos nas redes, principalmente os discursos de ódio. A emblemática também abre campo para o que significa existir na mídia, citada para Lagerkvist (2022), que vê as mídias como uma nova consciência do mundo de comunicação e redes de transporte.

A ética como apresentada acima, corresponde tanto aos cuidados dos profissionais do jornalismo ao noticiar, tanto para os usuários da internet e das redes sociais. O jornalista tem como obrigação seguir o código de ética da sua profissão nos meios de comunicação, mas por outro lado, os usuários das redes sociais também têm a responsabilidade de aplicar um filtro cuidadoso, evitando disseminar informações falsas e de propagar discursos de ódio, partindo assim do conjunto de normas, valores, princípios e padrões morais que orientam o comportamento e as relações humanas em sociedade também no ambiente virtual.

4 INTERFERÊNCIA DOS CONTEÚDOS

Neste capítulo, será apresentado o caso das violências nas escolas no Brasil, abordando os dados que surgiram a partir dos anos 2000, com ênfase no atentado à creche de Blumenau, que aconteceu em abril de 2023. Na segunda parte do capítulo, será feita uma análise da cobertura do atentado à creche de Blumenau, observando as postagens nas redes sociais da notícia que envolveu o crime e a notícia principal de cada veículo escolhido; pensando a partir da ética do jornalismo. Na terceira seção do capítulo, será observado a repercussão do caso nas redes sociais, a partir dos comentários das pessoas nas publicações da notícia do crime, além das próprias publicações em que as pessoas alertavam sobre a possibilidade de um novo crime nas redes *X* e *Instagram*. Na quarta seção será analisado como a mídia cobriu a repercussão de ameaças de novos ataques nas redes sociais. Desta forma, busca-se apreender o processo de circulação de conteúdo nas mídias e como esta é afetada por desinformação e discursos de ódio a partir de bolhas e como a imprensa tem atuado nestes casos.

4.1 O CASO DA VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS

De acordo com a Agência nacional de Desenvolvimento da Infância - Andi (2023) somente em 2021, as aulas de 669 escolas públicas do país foram interrompidas por episódios de violência. Entre os motivos da interrupção dessas atividades estão: tiroteios, roubo, vandalismo, ameaças e ataques. Mesmo o número apresentando um total de 0,9% de aulas interrompidas em decorrência de violência, demonstrando uma pequena proporção, os pesquisadores alertam para uma importante gravidade de violência.

A crescente ocorrência de ataques ou tentativas de ataques violentos nas escolas no Brasil destaca a necessidade imediata de desenvolver políticas públicas para prevenir esse sério problema social. De acordo com o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), entre 2002 e 2022 foram consumadas ao menos 16 ocorrências por episódios de violência em escolas no Brasil, dos quais 4 aconteceram no segundo semestre de 2022. Ao todo, dentro desses ataques, 35 pessoas perderam suas vidas e 72 sofreram ferimentos. Eventos de violência esses

que surgiram nas escolas do Brasil, somente na primeira década dos anos 2000, (ReLuz, 2022).

Em 2023, o número de ocorrências em violências nas escolas atingiu quase a metade das ocorrências nos últimos 20 anos, somando outros sete casos de episódios de violência até a divulgação do relatório, que foi em julho do mesmo ano. Nos primeiros meses de 2023, novos casos ocorreram no Brasil, entre eles, o ataque de um ex-aluno a uma escola em São Paulo (g1 SP e TV Globo, 2023), que deixou uma professora morta e quatro pessoas feridas e o atentado à creche em Santa Catarina, no qual quatro crianças perderam suas vidas, e gerou uma onda de pânico e de ameaças de novos ataques através da internet (Borges e Pacheco, 2023).

O caso do massacre na creche de Blumenau, que tem como base a sua repercussão na mídia como estudo deste trabalho, aconteceu em abril de 2023, na creche Cantinho Bom Pastor, cidade de Blumenau, Santa Catarina. O crime ocorreu quando um homem de 25 anos pulou o muro da creche e iniciou o ataque contra as crianças com uma machadinha. As vítimas foram atingidas na região da cabeça. Quatro crianças morreram e cinco ficaram feridas. Após executar o atentado, o agressor entregou-se à polícia.

O ataque gerou uma onda de pânico e ameaças nas escolas. De acordo com a Andi, menos de 20 dias após o massacre, mais de 8 mil denúncias sobre ameaças a escolas foram enviadas ao Ministério da Justiça desde o ataque à creche.

Os dados mais recentes provenientes da Prova Brasil, do Ministério da Educação (MEC) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) indicam que a percepção de violência entre professores e diretores atingiu níveis extremamente preocupantes no Brasil nos últimos anos. Estes números revelam que, em pelo menos 1,7% das escolas no Brasil, houve relatos de ocorrências como tiroteios ou bala perdida. Além disso, situações de assédio sexual foram registradas em 2,3% das escolas, e episódios de violência levaram à interrupção do calendário letivo de 2021 em 0,9% das escolas (Lima e Martins, 2023).

Embora essas porcentagens possam parecer relativamente baixas, é importante ressaltar que representam milhares de alunos, professores e diretores cujas experiências pessoais e profissionais estão profundamente marcadas pela violência, afetando sua relação com a escola (Lima e Martins, 2023).

Durante um período de 7 a 24 de abril, o Canal Escola Segura, vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, recebeu um total de 8.513 denúncias pela internet. Os picos mais significativos ocorreram nos dias 10, 11 e 12 do mesmo mês, quando as denúncias ultrapassaram a marca de mil por dia. Este aumento nas denúncias coincidiu com uma onda de rumores disseminados por grupos extremistas em redes sociais, alegando possíveis ataques a escolas. Isso causou pânico em alunos, pais e professores em todo o país. No dia 10, foram registradas 1.346 denúncias; no dia 11, 1.836; e no dia seguinte, 1.798. É importante destacar que esses números não incluem denúncias duplicadas enviadas pelo mesmo canal. Mais de oito mil denúncias relacionadas a ameaças a escolas foram encaminhadas ao Ministério da Justiça desde o ataque a uma creche (ANDI, 2023).

De acordo com a Andi (2023), o aumento da frequência dos ataques no país é fruto de um processo de radicalização online que atinge principalmente o público jovem, a partir dos 10 anos, o que abre janela para os efeitos contágios nas redes.

A verdade é que, assim como a sociedade se modificou, ações de caráter violento adquiriram novos meios e novas formas de se revelar. O indivíduo médio, conhecido pelo "homem comum", (Sodré, 2014) representa o público que consome conteúdo midiático, como televisão, rádio, jornais e internet, e que sem visibilidade, passam a dar ambiência para a nova comunicação e informação generalizadas, podendo ele influenciar a construção de identidades culturais e sociais, bem como a disseminação de ideologias e informações.

Com a comunicação eletrônica, a internet em suma, é o homem comum, sem qualquer visibilidade corporativa, que dá à ambiência da comunicação e da informação generalizadas, o estatuto da nova espera existencial (isso que chamamos de bios virtual/bios mediático. Sodré (2014, p.116)

Para ReLuz (2022) esses casos de violência contra a escolas frequentemente são praticados por alunos e ex-alunos, que na maioria dos casos já sofreram bullying no ambiente escolar e também passaram por processos violentos, como negligências familiares, autoritarismo parental e conteúdo disseminado em redes sociais e aplicativos de trocas de mensagem.

Para Souza (2022), a violência é um componente muito presente na atualidade e pode ser demonstrada também no âmbito escolar, quando o jovem de classe popular se encontra sem oportunidades ou não tem o devido reconhecimento social.

Isso evidencia uma segregação que nem sempre ocorre de maneira evidente. A segregação na sociedade ocorre com muita força no contexto atual. A violência assim, se manifesta de modo disfarçado por meio da desigualdade de oportunidades. O indivíduo que tem na escola praticamente a única possibilidade de ascensão social, para uma melhor qualidade de vida, se vê desamparado ao lado de políticas que prejudicam os investimentos em educação. Desse modo, fica difícil pensar acerca de quais oportunidades os jovens terão se a violência tem sido expressa por meio da discriminação. Souza (2022, p.36)

Souza (2022) diz ainda que pessoas sem expectativas na sociedade têm mais chances de utilizarem métodos violentos como formas de vida, podendo essa violência se reproduzir no âmbito escolar, diante da escassez de perspectivas. Uma das razões para isso é considerada a impossibilidade de a escola se revelar em alguns casos, como um meio de transformação social e de progresso aos mais desfavorecidos economicamente.

Essa violência pode ser tanto acompanhada por agressões físicas, quanto morais. No caso das agressões orais, muitos discursos expressos nas redes sociais da internet carregam em si declarações acumuladas de ódio e, portanto, fazem parte de um tipo de violência denominada como violência simbólica (Souza, 2022).

Os Dados da Safernet, organização de defesa dos direitos humanos no mundo virtual, mostraram que em 2022 foi registrado um número recorde de 74 mil relatos de crimes envolvendo discurso de ódio em espaços como fóruns ou redes sociais, em uma disparada de 67,7% em relação a 2021.

Souza (2022) traz o conceito de violência simbólica, que foi desenvolvido por Pierre Bourdieu (1989; 2002) e refere-se ao tipo de violência que não apresenta intimidação física, mas sim em prejuízos de ordem moral e psicológica, ganhando espaço dentro dos conceitos de discurso de ódio.

Esses conceitos apresentados podem ser aplicados em muitos dos incidentes da atualidade, como no caso do massacre na creche de Blumenau que provocou uma enxurrada de acontecimentos no primeiro semestre de 2023, em que uma onda de ameaças nas escolas se consolidou. A proliferação dos discursos de ódio na internet contribui para o tema e o ciberespaço se tornou um ponto central para a articulação dos ataques.

Um ponto que contribui para o efeito contágio dos crimes, como já foi mostrado no capítulo anterior, é a forma como a mídia tradicional noticiou esses fatos. O ataque na creche de Blumenau ganhou uma cobertura diferente da mídia, em que

o nome e a imagem do infrator não foram divulgados por grande parte das emissoras brasileiras, como o *Grupo Globo*, *Band* e *CNN Brasil*.

4.2 ANÁLISE DAS COBERTURAS DE NOTÍCIAS

A análise de cobertura das notícias sobre o atentado à creche de Blumenau será feita a partir das principais publicações dos veículos de comunicação: *Band*, *CNN*, *Globo*, *Record* e *SBT RS*, a partir das suas respectivas linhas editoriais e do código de ética dos jornalistas. Esses veículos escolhidos são veículos televisivos, que ainda tem uma grande penetração de audiência no Brasil. No entanto, para perceber a questão da circulação de informações e os desdobramentos possíveis, também foi observado como esses veículos atuaram na rede social *Instagram*.

Dos veículos, somente a *Record* e o *SBT RS* divulgam a imagem e o nome do criminoso, o que de alguma forma contribui para dar celebridade ao infrator, como apresentado nos estudos de Lankford e Madfis (2020) e Dearie (2018), e nas da orientação de instituições como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e Associação de Jornalistas de Educação (JEDUCA).

A *Record* divulgou nas suas redes¹ sociais do *Instagram*, na página @jornaldarecord, do dia 05/04/2023 a imagem do infrator. No portal R7 (2023), na notícia em texto acompanhada de vídeo, a imagem do infrator é divulgada novamente, ganhando grande espaço e destaque na matéria. Entretanto, no Jornal da Record² do dia, o infrator não foi divulgado e a notícia seguiu nas vítimas e no acontecimento.

O veículo *SBT RS*, também divulgou a imagem do infrator na notícia do telejornal *SBT Rio Grande*³, em vídeo. Entretanto, na sua rede⁴ do *Instagram* na página @sbtrs, na publicação do dia do crime, não foi divulgado quem era o infrator. Mesmo divulgando a imagem do criminoso no telejornal, ele não ganhou destaque ou manchete, como ganhou na publicação ou na matéria da Record. Ainda assim, observou-se que a notícia teve um tom sensacionalista. O programa, que tem em média 1 hora e 20 minutos de duração, se passa a maior parte do tempo na notícia

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqgev5Zpmaa/>. Acesso em: 17/11/2023

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxHYQ4GjT4o>. Acesso em: 17/11/2023

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ujFLq7scd3o>. Acesso em 17/11/2023

⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cqp8_XsgnAz/. Acesso em: 17/11/2023

do atentado, na qual relata os desdobramentos do crime em quase todo o programa a partir de imagens e repórteres ao vivo no local da SCC.

A *CNN* publicou no dia do crime, na sua rede⁵ do Instagram @cnnbrasil, uma nota sobre o acontecimento e um recorte⁶ do telejornal *Brasil Meio-Dia*, que foi ao ar no seu canal⁷. Em ambos os locais ela não divulga o nome e a imagem do infrator.

O *Grupo Globo* e a *Band* também não divulgam em nenhum momento quem é o infrator. Além disso, ambos os veículos publicaram uma nota em sua página no *Instagram* - a mesma que foi ao ar no dia no jornal - enunciado sobre as novas diretrizes que orientam a cobertura de casos de ataques e massacres como o da creche em Blumenau.

O *Grupo Globo* fez um primeiro post⁸ na página do *Instagram* do @jornalhoje, sobre o acontecimento, que posteriormente foi compartilhado⁹ na página do *Jornal Nacional*. As informações mais completas foram publicadas¹⁰ horas depois, na mesma página do *Instagram*. Na notícia do telejornal do *Jornal Nacional*¹¹, o destaque maior foi dado às vítimas e ao acontecimento.

Em nota, o *Grupo Globo* reposicionou editorialmente sua cobertura de acontecimentos, como o ocorrido em Blumenau, em um editorial lido por William Bonner no *Jornal Nacional* de 5 de abril. Segundo a nota,

Os veículos do Grupo Globo tinham há anos como política publicar apenas uma única vez o nome e a foto de autores de massacres como o ocorrido em Blumenau. O objetivo sempre foi o de evitar dar fama aos assassinos para não inspirar autores de novos massacres. Essa política muda hoje e será ainda mais restritiva: o nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados, assim como vídeos das ações. A decisão segue as recomendações mais recentes dos mais prestigiados especialistas no tema, para quem dar visibilidade a agressores pode servir como um estímulo a novos ataques. Estudos mostram que os autores buscam exatamente esta "notoriedade" por pequena que seja. E não noticiamos ataques frustrados subsequentes, também para conter o chamado "efeito contágio". (Jornal Nacional, 2023).

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cqp_pcLAnyN/. Acesso em: 17/11/2023

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqqfIDSPwDm/>. Acesso em: 17/11/2023

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1cTGYNFjFW4>. Acesso em: 17/11/2023

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqqHC2kO_oq/. Acesso em: 17/11/2023

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqqfGdlu6lw/>. Acesso em: 17/11/2023

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqqfIBruDaw/>. Acesso em: 17/11/2023

¹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11511858/?s=0s>. Acesso em: 17/11/2023

A página @bandjornalismo faz um primeiro post¹² do acontecimento. Após novas informações, novos posts sobre o assunto são publicados na página. A notícia completa publicada na página Band Jornalismo (2023), segue com a descrição dos acontecimentos, acompanhada de outros vídeos das coberturas do grupo, além das notícias em vídeos feitas pelo veículo no *Jornal da Band*¹³. No posicionamento, o *Jornal da Band*¹⁴ diz:

Você deve ter notado que em momento algum aqui a gente citou o nome do assassino. É uma decisão que o *Jornal da Band* tomou. Não dar o nome dele. Não mostrar a cara dele. Por mais absurdo que pareça, muitas vezes esses caras querem é isso: é a fama, é o holofote, é o nome dele circulando. Eles gostam desse palco macabro. Aqui no *Jornal da Band* não. (*Jornal da Band*, 2023).

Ao analisar as publicações e reportagens do atentado à creche de Blumenau, foi possível perceber que a maioria das coberturas focou nos acontecimentos, seja por meio das vítimas e dos fatos. A *Record*, por outro lado, decidiu divulgar em um primeiro momento a imagem do agressor, alterando a perspectiva da cobertura em relação às outras emissoras.

Na linha editorial do *Grupo Globo*, na Seção II, que trata sobre como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas, do veículo para o qual trabalha e das redes sociais diz:

O jornalismo, contudo, não é insensível a riscos evidentes. Um exemplo eloquente são os massacres em escolas, templos e lugares públicos. Especialistas alertam para o chamado "efeito contágio": a divulgação de detalhes de tais ataques acaba estimulando outros do mesmo tipo. Por essa razão, nesses casos, os veículos do Grupo Globo não divulgarão o nome e a imagem dos autores, assim como vídeos de suas ações. Dar visibilidade a agressores pode servir como um estímulo a novos ataques, como indicam estudos segundo os quais os autores buscam exatamente esta "notoriedade" - por desonrosa que seja. E não serão noticiados ataques frustrados subsequentes, tampouco ameaças, também com o objetivo de conter o chamado "efeito contágio". Grupo Globo (2011)

No caso do *SBT*, por exemplo, a linha editorial da emissora foi escrita em 1988 pelo Sílvio Santos e pelo diretor na época Marcos Wilson e segue sem desviar das normas éticas estabelecidas por ele. Em campanha publicitária em 2013, a emissora até usou do conceito "Jornalismo que evolui, princípios que não mudam"

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqp8qvJAnIE/> Acesso em: 17/11/2023

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KARgoDBShrA>. Acesso em: 17/11/2023

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqrl-qdB4Tf/>. Acesso em: 17/11/2023

(Propmark, 2013). A linha destaca a importância da credibilidade do jornalismo, em que cada informação deve ser confirmada e que nenhum boato ou rumor pode ser divulgado, mas mesmo assim é possível perceber um tom sensacionalista na notícia do veículo do dia, em que descreve com detalhes como o crime aconteceu. A linha editorial também zela sobre respeitabilidade e seriedade, mas não trata sobre o proceder do jornalismo diante das fontes diretamente.

O texto se reflete nas programações locais. Na descrição do programa *SBT Rio Grande*, por exemplo, consta que o programa aponta os problemas de segurança pública, saúde e educação, além de mostrar a realidade do Estado sem mascarar nada (SBT Rio Grande).

Compreende-se assim que o *SBT RS*, afiliada regional do *SBT*, possui uma programação voltada predominantemente ao entretenimento e humor, mas segue a estrutura nacional da rede, com o jornalismo adaptado para atender às demandas locais.

Já a *Globo*, além de entretenimento por meio de suas novelas, programas de variedades e esportes, se denominou como uma emissora jornalística. Ela mantém um perfil editorial diversificado, priorizando um jornalismo sério e prestigiado, com uma forte cobertura nacional e internacional.

Não foi encontrado para essa pesquisa os princípios editoriais das emissoras *CNN*, *Band* e *Record*. Entretanto, a partir de observar o veículo, compreende-se que a *CNN* é reconhecida por ter uma abordagem focada em notícias, oferecendo análises, debates e coberturas ao vivo. A *Band* também é considerada um veículo jornalístico, ainda que a sua programação ofereça variedade em entretenimento, esportes e programas gastronômicos.

A *Record* por sua vez também tem um perfil jornalístico. Ela equilibra o jornalismo em uma programação de novelas e programas religiosos. Muitos dos seus programas são sensacionalistas, como o *Cidade Alerta* e o *Balanço Geral*. O site da emissora destaca um trecho das novas atualizações do manual, que foi elaborado para estabelecer parâmetros para exposição no ambiente digital dos profissionais ligados direta ou indiretamente ao jornalismo da empresa:

O jornalismo deve se pautar na busca pela divulgação de informações de forma correta, com isenção, agilidade e credibilidade. Todos os profissionais do jornalismo do Grupo, sem distinção, têm a responsabilidade de se portar de maneira ética e íntegra em todas as relações, além de reforçar e difundir essa cultura. (Record, 2021)

O Código de Ética dos Jornalistas (2007) orienta os jornalistas para a sua conduta profissional, mas não tem um procedimento de como os veículos devem se portar diante de massacres. O Art. 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão diante da informação, que abrange o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação. O Código também diz que o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, e deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação.

Ainda assim, no capítulo III, da responsabilidade profissional do jornalista, o código ressalta que “o jornalista não pode divulgar informações, de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”, o que também refere sobre não dar manchetes aos assassinos. (Fenaj, 2007).

As imagens analisadas da cobertura do atentado à creche de Blumenau são precárias - com exceção da *CNN*, que já usou a entrada de repórter ao vivo para um acompanhamento factual. O *SBT RS* também faz o uso de entrada ao vivo na notícia, mas usa imagem amadora, produzida, com cobertura da *SCC Meio Dia* e outros destaques em imagens de celular.

Na reportagem do *SBT RS*, é destacado um alerta relevante, uma vez que o prefeito expressou preocupação, solicitando especial atenção nas escolas de Santa Catarina, devido a informações que circulavam nas redes sociais indicando a possibilidade de outro crime semelhante. No entanto, o mesmo jornal relata que a polícia afirma que tais informações são, na verdade, trotes recorrentes. Em meio à tragédia já ocorrida, o jornal destaca a persistência desses problemas relacionados a trotes e ameaças em outras instituições de ensino. A informação dada pelo veículo é contraditória, já que ela dissemina ainda mais o medo na sociedade a partir de um relato do prefeito da cidade que já teria sido esclarecido pela polícia do local.

As imagens predominantes das matérias em vídeos foram abertas, na horizontal, mostrando a creche, o cenário da tragédia. Quando surgem entrevistas, o plano da imagem fica menor, enquadrando-se ao entrevistado, como no caso da matéria do *Jornal Nacional*, do *Jornal da Band* e do *Jornal da Record*. Nas matérias foi possível analisar que imagens de celular gravadas na vertical aparecem nas reportagens, dando ênfase aos momentos em que a imprensa ainda não estava no

local. A matéria do *Jornal Nacional* (2023) em geral apresenta a melhor qualidade das imagens. Na matéria do portal *R7* (2023) que também aparece em vídeo, o enquadramento se destaca predominantemente na vertical, em filmagens do infrator feitas pelo celular.

De modo geral, as fontes utilizadas para as coberturas foram fontes oficiais e familiares de vítimas e sobreviventes. Funcionários da creche e algumas testemunhas também foram consultadas.

Para o *Jornal da Record*, na matéria do dia do crime, foram utilizadas diversas fontes, incluindo o relato do pai de uma sobrevivente, depoimento da professora da creche, testemunho de um morador de Blumenau que avistou as crianças no chão da escola da rua, declarações do delegado geral da polícia civil, posicionamento do governador de Santa Catarina e relato de um familiar da vítima.

No contexto da matéria do *SBT RS*, uma gama de fontes foram consultadas, incluindo o coronel do corpo de bombeiros, o prefeito da cidade, o delegado da polícia civil, a professora da creche, três moradores que se manifestaram por justiça em um vídeo conjunto, o delegado da polícia e o comandante do 3º corpo de bombeiros de Blumenau. Por outro lado, na cobertura da *CNN*, não houve a realização de entrevistas.

No *Jornal Nacional*, foram consultadas fontes, como o pai de uma das vítimas, o pai de uma das sobreviventes, o marido de uma professora da creche que tentou reanimar uma das crianças, o prefeito da cidade e o governador de Santa Catarina. Já no portal do *G1* (2023), embora não tenham sido citadas fontes específicas, foram apresentados vídeos do *Grupo Globo*, nos quais estão incluídos depoimentos do governador de Santa Catarina, do pai de uma das vítimas, do pai de uma das sobreviventes, além de um relato em áudio de uma das professoras da creche.

Para a reportagem do *Jornal da Band*, foram citadas fontes como a mãe de uma aluna sobrevivente, o pai de uma vítima, o comandante da polícia militar, uma professora da creche, o delegado geral da polícia de Santa Catarina e ainda declarações do presidente Lula.

A partir do impacto do ataque à creche de Blumenau, começaram a surgir um conjunto de novos boatos e Fake News a partir das redes sociais como *X* e *WhatsApp*, o que levou uma onda pânico, especificamente até o dia 20 de abril de 2023 para novas ameaças nas escolas. De acordo com a matéria da *Band* (2023), o

dia 20 de abril de 2023 marcaria os 24 anos do massacre de Columbine, nos Estados Unidos, um dos mais conhecidos ataques escolares, e também o aniversário do ditador nazista Adolf Hitler, e por isso, os rumores apontavam para uma série de novos atentados nesse dia. Felizmente, não houve ocorrência de novos ataques, porém muitas escolas optaram por suspender as aulas e promover programas especiais de paz e tolerância, contando com reforço policial.

4.3 DESINFORMAÇÃO E DISCURSO DE ÓDIO NOS COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS

O atentado à creche de Blumenau causou uma onda de medo e ameaças de novos ataques nas redes sociais. Ao pesquisar as hashtags: #ataqueaescolas, #ataqueblumenau na rede social X e no *Instagram*, é possível perceber posts de disseminação de desinformação principalmente com avisos de novos massacres em escolas.

Figura 1



Fonte: @CONSERVADOR (2023)

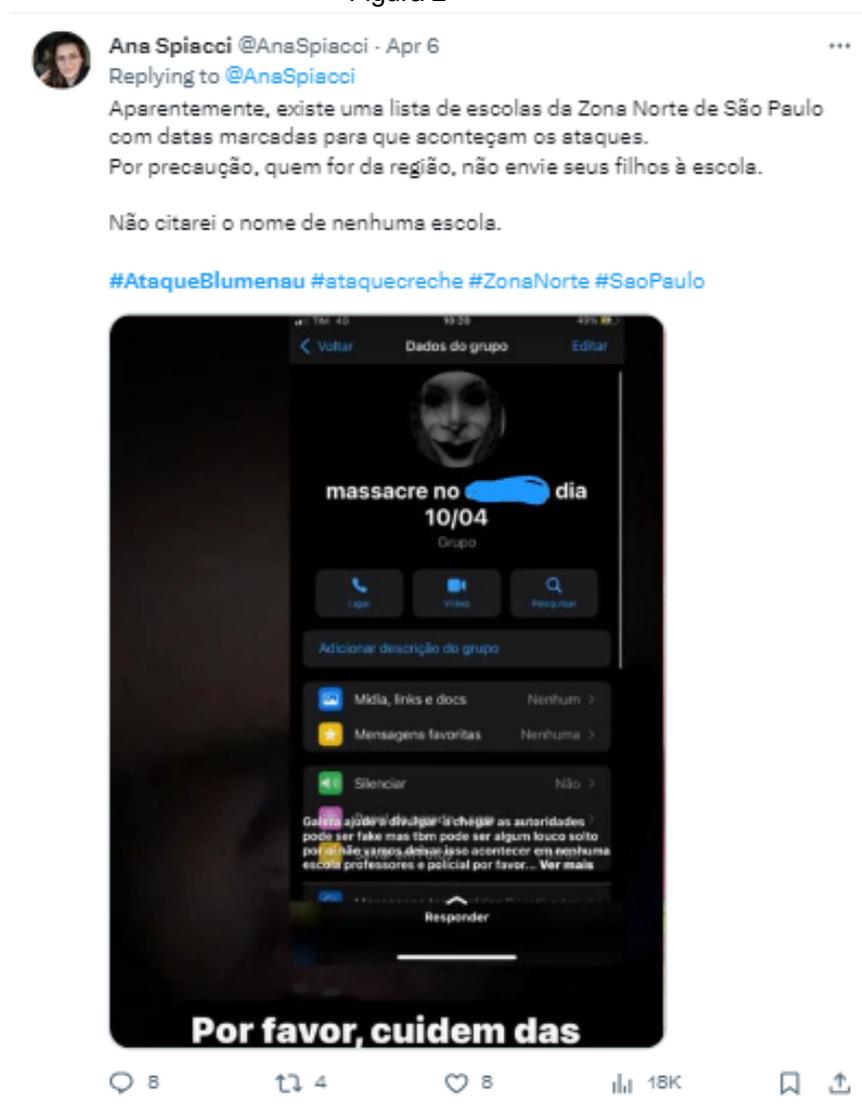
O post em vídeo da página @CONSERVADOR¹⁵, da rede X, no dia 5 de abril, alerta que “está chegando a informação de que o atentado se trata de um desafio” em uma aposta de jogo, com a possibilidade de mais creches serem atacadas. O vídeo completo diz:

Olá a todos os colaboradores, hoje tivemos uma tragédia aqui perto e em contato com pessoas, com o delegado, o fato ainda não está 100% confirmado mas parece que o motivo, a motivação desse louco é um jogo de videogame onde tem mais 4 participantes, então hoje aqui não tem mais nenhuma aula de menores, ta? O jogo parece que é de quem mata mais crianças, um absurdo um negócio desses. Então quem tiver pais que venham para cá já comuniquem que hoje não tem nenhuma atividade infantil no clube, nenhuma, ta? Páscoa está cancelada, porque se for certo isso, tem mais 4 loucos perdidos na cidade tentando bater a meta do jogo, né? Esperamos que com a ação da polícia, se for isso, eles declinem, ta? Então hoje infantil aqui não tem nada, ta? Podem avisar todo mundo, as redes sociais e os seus grupos de WhatsApp. Valeu gente. (@CONSERVADOR, 2023)

A publicação alerta para a possibilidade de um novo ataque, fundamentando-se a partir da desinformação que ocorreu após o atentado na creche de Blumenau. A publicação teve mais de 50 mil visualizações e contribuiu para a criação de um ambiente de medo e paranoia.

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/RAMONEMBC/status/1643619796552916995?s=20>. Acesso em: 17/11/2023

Figura 2



Fonte: @AnaSpiacci (2023)

Ainda na mesma hashtag #ataqueblumenu, outros posts de alarme de desinformação surgem, como os da @AnaSpiacci. As postagens dela na rede social X também alertam para a possibilidade de um novo ataque em escolas.

No primeiro tweet¹⁶, que teve mais de 18 mil visualizações, ela afirma que existe uma lista de escolas da zona norte de São Paulo com datas marcadas para ataques e pede aos pais que não enviem seus filhos à escola por precaução, ainda que não cite o nome da escola. O post inclui a captura de tela de um grupo no

¹⁶ Disponível em: <https://x.com/AnaSpiacci/status/1643976770042097667?s=20>. Acesso em: 17/11/2023

WhatsApp que provavelmente discute a possibilidade de um massacre marcado para o dia 10 de abril.

Figura 3



Fonte: @AnaSpiacci (2023)

O segundo post¹⁷ de @AnaSpiacci contém ao total 3 imagens e teve mais de 10 mil visualizações. Uma delas é um texto da Equipe Gestora de uma escola de São Paulo, em que diz que encontrou no banheiro masculino da unidade um registro que ameaçava a todos de um massacre no centro da escola. No texto, a direção da escola avisa que identificou os estudantes que fizeram a pichação e que a polícia civil ainda irá investigar a ameaça pelas redes sociais. A escola ainda chama a todos a colaborar na disseminação da cultura de paz na escola.

¹⁷ Disponível em: <https://x.com/AnaSpiacci/status/1643975324793987072?s=20>. Acesso em: 17/11/2023

As outras duas imagens do post são as fotos das mensagens escritas no banheiro da escola. Uma delas é um registro na parede do banheiro, em que diz “vou matar todo mundo do 7º para cima” e a outra diz que é um registro na porta do banheiro apontando para um massacre em 04/04/2023.

Ambos os posts são preocupantes, pois mesmo que sem evidências concretas da possibilidade de um novo massacre, podem gerar medo entre os alunos, pais dos alunos e a população em geral. Ainda assim, compreende-se que a usuária da rede social estava com medo dos rumores e tentou alertar as outras pessoas tanto quanto pôde.

É possível relacionar o alerta com a formação de bolhas, que de acordo com Barreto (2022), são espaços destinados a agrupar afinidades em grupos e interações dentro das redes sociais. O comportamento também pode ser moldado pela força dos algoritmos do perfil, em que os usuários passam a ser influenciados pelas decisões algorítmicas das suas redes.

Figura 4



Fonte: @RamaraAline20 (2023)

A próxima publicação em questão analisada é um tweet¹⁸ da usuária @TamaraAline20, que alerta para a possibilidade de um novo ataque em escolas no dia 20 de abril. A usuária não fornece nenhuma evidência para apoiar as alegações feitas, ela simplesmente cita o post e pede para as pessoas banirem conteúdos desse caráter nas redes sociais.

A publicação também parte de um compartilhamento a partir de uma desinformação, o que se torna uma ação perigosa e pode levar a ações decisões prejudiciais de uma população que já está com medo. Essa propagação de desinformação acerca de ameaças nas escolas ainda têm o potencial de fazer com que os pais hesitem em enviar seus filhos para a escola.

Figura 5



Fonte: @eduardohideto (2023)

É o que acontece na próxima publicação¹⁹ analisada, da rede social do Instagram, em que a página do professor @eduardohidreto publica uma captura de tela de um e-mail enviado por um aluno ou aluna, que explica que não poderá comparecer à aula porque o ônibus que ele costuma pegar não irá passar devido a boatos de um ataque. No post, o professor ainda agradece a consideração e

¹⁸ Disponível em: <https://x.com/TamaraAline20/status/1644163799316873218?s=20>. Acesso em: 17/11/2023

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrgMXr8uLCY/>. Acesso em 17/11/2023

respeito da aluno/aluna por enviar o e-mail diante da situação. O post foi publicado no dia 20 de abril, dia em que a publicação acima alarmou para um boato de massacre em escola.

Figura 6 - Print da página do autor



Fonte: @maykonanthony45 (2023)

O próximo post²⁰ analisado foi publicado na página de @maykonanthony45, e se trata de uma gravação de um áudio de uma conversa em *WhatsApp*, provavelmente de um grupo entre professores de uma unidade de escola de Cuiabá, sobre a possibilidade de um ataque a escolas na cidade. No áudio de uma suposta professora diz:

Passando aqui rapidinho para deixar um alerta a todos e todas: redobre o cuidado, a atenção, com os portões. Fiquem mais atentos, ta? Esse caso

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqs4oeJsXo6/>. Acesso em 17/11/2023

que aconteceu na unidade de educação infantil lá em Blumenau é um jogo de internet e já tem um grupo inclusive eu fui informada, aqui em Cuiabá, já projetando algumas invasões. Então assim, até onde eu sei, que eu não vi, não participo do grupo mas eu fui informada, são unidades do estado, alunos maiores, mas vamos nos cuidar. Pedir para os pais, quando for buscar ou levar o filho ficar atento em quem tá na porta da unidade, se é pessoa conhecida, se não for orienta, liga para vocês, para vocês tomarem todo o cuidado ao abrir o portão. Então redobre os cuidados porque nós precisamos nesse momento, cuidar das nossas crianças e de todos vocês profissionais. Então fiquem atentos, não desconsidere algumas informações que estão chegando, por favor, tá? se cuidem e cuidem das nossas crianças. (@maykonanthony45, 2021)

A professora afirma que foi informada por professores de que um grupo está planejando invadir creches em Cuiabá. O post, assim como a professora, não fornece nenhuma evidência concreta sobre a possibilidade de novo massacre. É possível entender que a professora está simplesmente repassando as informações que ouviu antes de checá-las, assim como o perfil da página também compartilhou.

Figura 7 - Print da página do autor

The image shows a social media post from the user @maykonanthony45. The post content includes a video player with a cartoon character and a large text overlay that reads "Sobre o ataque em Blumenau". Below the video, there are audio player controls and a caption: "Tomemos cuidados com nossos filhos". A large black text box with white text says: "Lembrando que não chequei essa informação por falta de meios pra isso. Mas o alerta é importante." The post includes several comments from other users, such as "gedson_saraiva" and "mariasilvanascimento36". The post is dated 6 DE ABRIL.

Fonte: @maykonanthony45 (2023)

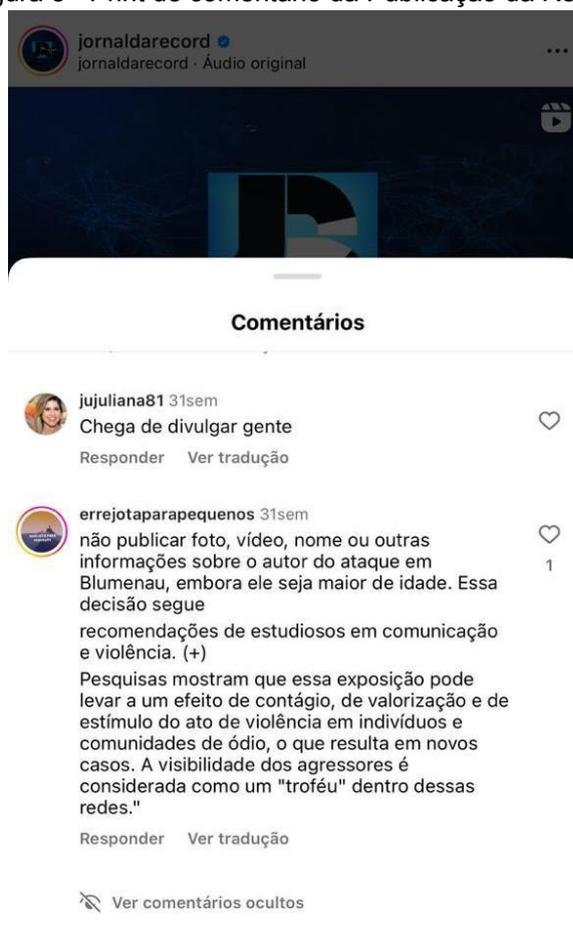
Na publicação ainda existem comentários como o de @gedson_saraiva, que diz que “um aluno foi pego com uma machadinha na mochila, em uma escola

localizada no bairro Tijucal”. O autor da publicação, @maykonanthony45, comenta a publicação com o link que afirma o comentário de Gedson. O que mostra que a publicação seguiu tendo repercussão entre os seguidores de Maykon.

Na busca das hashtags, foi possível perceber que os posts que foram encontrados sobre as suspeitas de um novo massacre foram publicados a partir de alertas de outras publicações que convidavam o público para o atentado. Ainda assim, mesmo a publicação sendo contra o conteúdo, contribuiu para seguir circulando e repercutindo a desinformação que seguiu a partir da ameaça das escolas, já que tiveram milhares de visualizações na internet.

Entretanto, as repercussões sobre o caso não seguiram somente em publicações de usuários. Também é possível encontrar a repercussão nos comentários das publicações das notícias que envolviam o ataque à creche de Blumenau nas redes sociais dos próprios veículos de comunicação.

Figura 8 - Print de comentário da Publicação da Record



Fonte: @jornaldarecord (2023)

Comentários que criticam a divulgação da imagem do agressor da creche de Blumenau aparecem na publicação do @jornaldarecord²¹, expressando preocupação com a divulgação do nome do agressor sobre o efeito contágio que pode causar em outras pessoas. O comentário, de @jujuliana81, por exemplo, pede para a mídia parar de divulgar informações sobre esses ataques, já o comentário de @errejotaparapequenos, explica as consequências negativas da exposição do agressor. É possível perceber ainda que a publicação teria mais comentários que foram ocultos pelo Instagram.

Figura 9 e 10 - Print de comentário da Publicação do SBT RS



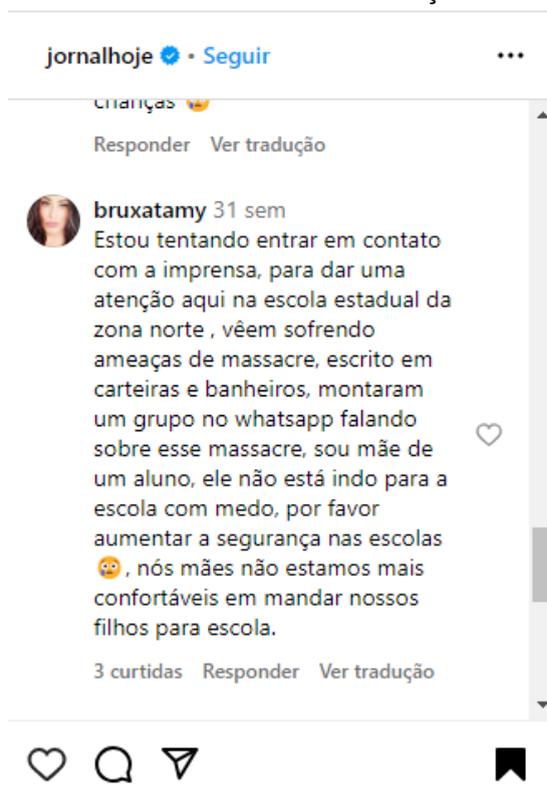
Fonte: @sbtrs (2023)

Na publicação²² do @sbtrs noticiando o crime, outros diversos comentários são encontrados, como a da @angelicagaier, mãe de aluna que diz estar com medo de levar a filha para a escola, e o de @morganaheller, que faz um alerta, mesmo sem comprovações, sobre uma ameaça de escola em Lajeado.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqgeV5Zpmaa/>. Acesso em: 17/11/2023

²² Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cqp8_XsgnAz/. Acesso em: 17/11/2023

Figura 11 - Print de comentário da Publicação do Jornal Hoje

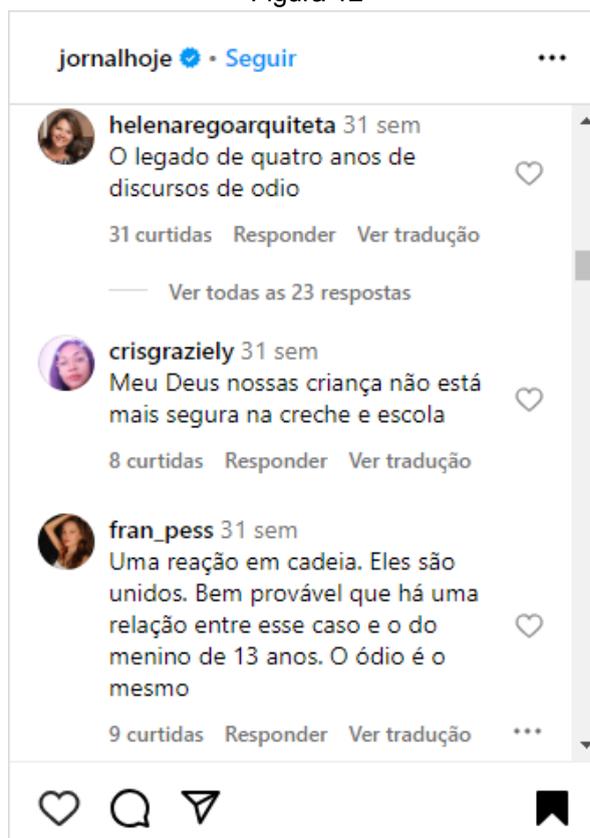


Fonte: @jornalhoje (2023)

Na publicação²³ do Jornal Hoje, é possível encontrar comentários do mesmo caráter. O perfil @bruxatamy, mãe de uma aluna, comenta que está tentando entrar em contato com a imprensa, para dar uma atenção a escola que o filho dela estuda. Nos comentários ela conta que a escola está sofrendo ameaças de massacre através de recados em carteiras e banheiros, e menciona também a existência de um grupo de *WhatsApp* sobre o massacre. A mãe ainda expressa o receio de enviar seu filho para a escola devido ao medo gerado por essas ameaças e pede um reforço na segurança escolar.

²³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqgHC2kO_oq/. Acesso em: 17/11/2023

Figura 12



Fonte: @jornalhoje (2023)

Também é possível encontrar comentários que relacionam o massacre com um legado de quatro anos de discurso de ódio do Brasil, como o comentário de @helenaregoarquiteta referindo-se ao governo anterior de Jair Bolsonaro. Ou comentários como o de @fran_pess, que reflete que o assassino da creche de Blumenau estaria agindo unido de um outro assassino de 13 anos que matou uma professora em São Paulo.

Figura 13 e 14



Fonte: @bandjornalismo (2023) e @cnnbrasil (2023)

Por último, nos comentários do post²⁴ analisado da página @bandjornalismo e da @cnnbrasil²⁵, os usuários pediram por mais segurança nas escolas. O comentário de @sheila988.mariavitoria sugere que a presença de vigilância poderia ajudar a prevenir ameaças e garantir um ambiente mais seguro, além de apontar para a preocupação com pessoas que podem estar enfrentando sérios problemas psicológicos. A usuária @paixaodegama, pede mais segurança do governo em escolas do Brasil.

Nessa parte do capítulo do trabalho, analisou-se a repercussão das pessoas na internet a partir de boatos que envolviam os novos atentados as escolas. Ao pesquisar as hashtags: #ataqueaescolas, #ataqueblumenau na rede social X e no *Instagram*, foi possível perceber posts de disseminação de desinformação a partir de avisos de novos massacres em escolas. Também foram analisados os comentários

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cqp8qvJAnIE/>. Acesso em: 17/11/2023

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CqqfIDSPwdm/>. Acesso em: 17/11/2023

das publicações sobre o atentado do primeiro dia do crime, a partir das páginas dos veículos analisadas no último subcapítulo.

Com isso, conclui-se que mesmo sem nenhuma evidência concreta sobre a possibilidade de novos ataques, as pessoas seguiram repassando as informações que ouviram ou leram antes de checá-las, o que fez com que um medo generalizado se espalhasse pelo Brasil no mês de abril e que muitos pais de alunos ficassem com medo de mandar os seus filhos para a sala de aula.

Dos posts analisados, observa-se que dois deles, relacionam o massacre da creche de Blumenau a um jogo de internet, onde um grupo com mais pessoas provocariam outros crimes em escolas naquele dia no Brasil. Entretanto, a Polícia Civil afirmou no mesmo dia do crime que o autor do ataque à creche em Blumenau agiu sozinho após uma perícia no celular do assassino através de um programa israelense, que permite recuperar informações mesmo que elas tenham sido apagadas do aparelho (Caldas e Sales 2023).

Mesmo a polícia já tendo identificado que o crime não foi estimulado por jogo online, a informação seguia circulando nas redes sociais. O post do X com esse boato surgiu no mesmo dia do crime e o post Instagram com a mesma desinformação foi publicado um dia depois, o que significa que as pessoas seguiram compartilhando a desinformação sem antes checar as fontes oficiais que já teriam a informação verdadeira.

Nos comentários das publicações dos veículos de comunicação em geral, foi possível perceber pessoas pedindo por policiamento e ajuda do governo nas escolas, e também alertando o medo sobre a possibilidade de novos ataques. Ainda assim, não foram encontrados comentários com conteúdos de ódio nas publicações.

Observa-se que o receio generalizado de ataques entre pessoas de uma mesma bolha social originou-se de rumores não confirmados. Como pensado no início do trabalho, a disseminação de notícias e informações falsas dentro das bolhas se dá a partir da convicção dos usuários em acreditar nas informações alinhadas à sua perspectiva de mundo e acontece quando os usuários acabam recebendo a partir do algoritmo das suas redes sociais, diversas vezes as mesmas informações, e a partir daí, começam a tomar o conteúdo como verdade. E foi o que aconteceu no caso dos comentários e publicações sobre novos ataques a escolas, que a partir de grupos e proximidades de pessoas nas redes, boatos de desinformação começaram a se espalhar. Ainda assim, é possível perceber que as

peças alertaram por medo os boatos de novos atentados, o que também contribuiu para a desinformação sobre o assunto.

4.4 A COBERTURA DA MÍDIA ÀS AMEAÇAS NAS ESCOLAS NAS REDES SOCIAIS

A partir dos veículos analisados, é possível perceber que depois de a mídia cobrir o atentado à creche de Blumenau, ela também cobriu as suas repercussões nas redes sociais. Das ameaças que as escolas vinham sofrendo, especialmente a partir de boatos que referiam a ataques no dia 10 e 20 de abril de 2023, apenas Band publicou uma notícia falando explicitamente sobre o assunto no dia 20 de abril. Ainda assim, a reportagem não teve publicação nas suas redes sociais.

A cobertura midiática das ameaças às escolas nas redes sociais variou de acordo com diferentes abordagens e veículos de comunicação. Em geral, a mídia buscou informar o público, oferecer contexto, evitando a propagação do medo.

Um dia após o ataque, dia 06 de abril, entre a repercussão dos veículos na mídia, foi possível perceber publicações de posicionamento de veículos sobre não dar manchete ao agressor (@bandjornalismo, 06/04/2023), incluindo dicas de como falar sobre ataque às escolas com crianças (@portalg1, 06/04/2023). Postagem sobre a regulação das redes sociais como estratégia para impedir novos atentados (@jornaldarecord, 06/04/2023) e vídeo em frente a creche com homenagens as crianças também foram encontradas (@jornaldarecord, 06/04/2023), além da notícia em que o autor diz estar arrependimento do crime (@jornaldarecord, 06/04/2023).

A mídia não dá repercussão para os boatos que surgiram a respeito de um novo massacre no dia 10 de abril. Ainda assim, em torno desse dia o assunto sobre as escolas seguia nas redes. Entre os assuntos próximos ao dia 10, foi possível perceber publicações dos veículos sobre a pausa de uma semana nas aulas de Blumenau após o crime (@bandjornalismo, 09/04/2023), o anúncio de que todas as escolas estaduais de Santa Catarina terão ao menos um policial armado (@portalg1, 10/04/2023) e o fortalecimento do programa de segurança nas escolas (@bandjornalismo, 12/04/2023).

Os rumores sobre um possível massacre no dia 20, que coincidiria com os 24 anos do trágico evento de Columbine nos Estados Unidos, um dos mais notórios

ataques escolares, e também com o aniversário de Adolf Hitler, também não geraram a repercussão nas redes sociais através dos veículos de comunicação. Em torno da data, foi possível perceber publicações sobre a relação do perigo das Fake News na internet com as ameaças às escolas (@bandjornalismo, 19/04/2023) e campanha pela promoção da paz nas escolas lançada pelo governo (@jornaldarecod, 20/04/2023).

Observa-se assim que entre os veículos analisados, a página da @bandjornalismo foi a página que mais teve publicações de repercussão sobre o assunto. No mesmo dia em que ocorreu o massacre, a página chegou a ter mais de 10 publicações sobre o crime, que seguiram até o dia 19 de abril em proporções menores. Apesar do grupo publicar uma nota duas vezes falando que não iria dar o nome ou imagem ao agressor para não dar fama e disseminar um efeito contágio, em 15 dias do mês de abril, ela publica mais de 25 posts de repercussão, o que também dá visibilidade ao assunto. Ainda assim, foi possível observar que a página do veículo costuma publicar em média 50 posts por dia em sua rede social, o que é considerado um número alto de postagens quando comparado ao ritmo dos outros veículos, e pode explicar a quantidade elevada de posts por dia em uma notícia.

A página do @jornaldarecord também teve um grande número de publicações, assim como a Band. Ela é a única das emissoras analisadas que revelou que é o agressor nas redes sociais. Em publicações de repercussão, ela dá ênfase em vídeo para o sofrimento dos pais das vítimas (@jornaldarecord, 05/04/2023), detalha o interior da creche (@jornaldarecord, 05/04/2023), abrindo espaço para o público se colocar de fato dentro do local, esclarece que o autor do crime diz estar arrependido (@jornaldarecord, 05/04/2023) e junto com um emaranhado de medo da sociedade, em um dos posts revela que ataques em escolas do Brasil mataram 40 alunos e professores desde o início dos anos 2000 (@jornaldarecord, 05/04/2023). Percebe-se um tom sensacionalista das publicações da emissora, porém ela não faz publicações sobre os rumores das novas ameaças de ataques que ocorreram nos dias 10 e 20 de abril.

Ainda que os veículos Band e Record tenham tomado medidas diferentes acerca das coberturas em escolas, já que uma divulga o nome e a imagem do agressor e a outra não, ambos os veículos publicaram um alto número de postagens sobre o assunto, o que contribui para disseminar mais informações acerca das escolas.

Apesar de a cobertura do @sbtrs ter sido sensacionalista sobre o ataque, mostrando o nome e a imagem do agressor, ela não repercute sobre o assunto nas redes e tem somente uma publicação sobre o atentado. A página @cnnbrasil faz um total de cinco posts sobre o ataque à creche. No total, 2 posts são feitos no mesmo dia do crime e os outros 3 são de repercussão entre anúncios de medidas do governo (@cnnbrasil, 13/04/2023) e responsabilidade de plataformas digitais (@cnnbrasil, 12/04/2023).

Na página do @g1, percebe-se que o veículo tem um tratamento mais adequado de repercussão. Nos posts, a página do @g1 disponibiliza dicas sobre como falar sobre ataque às escolas com crianças (@portalg1, 06/04/2023). E no post do @jornalnacional, é possível perceber iniciativas, como a notícia de advogados voluntários para mudança do ambiente escolar (@jornalnacional, 07/04/2023).

Observa-se assim que as publicações não dão visibilidade para o criminoso, assim como não fomentam os boatos que surgiram a partir das possibilidades dos novos ataques. Mesmo a Record tendo divulgado logo após o crime a imagem do agressor, ela não segue publicando outras postagens sobre ele. Conclui-se assim que a mídia teve uma postura responsável em cobrir a repercussão do ataque às escolas, não disseminando medo, boatos e desinformações, o que contribuiu para a sensação de segurança das crianças, professores e da sociedade em geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da elaboração desta pesquisa foi possível compreender como a divulgação de notícias pela mídia pode determinar a forma como os acontecimentos refletem no comportamento de uma sociedade e nas suas ações diárias. No problema da presente pesquisa foi investigado como a circulação de notícias veiculados por emissoras de televisão em suas contas no *Instagram* repercutiram na rede e como essa repercussão foi acompanhada pelos veículos. Observou-se assim que a circulação de notícias veiculadas por emissoras de televisão em suas contas no *Instagram* repercutiram nas redes, o que levou a uma onda de boatos para novos atentados.

A partir do problema da pesquisa, foi proposto o objetivo geral, em que se analisou a circulação de discursos de ódio e desinformação no caso da ameaça de violências contra as escolas desencadeadas pelo ataque à creche em Blumenau. Pela tragédia, que envolveu crianças, o assunto logo ganhou visibilidade na mídia, fazendo com que algumas das emissoras postassem um alto número de publicações sobre o assunto. A partir do medo, o atentado levou a uma onda de proliferação de desinformação sobre o assunto, que a partir de boatos de pessoas, repercutiram na mídia em uma onda de supostas novas ameaças. Durante a análise, foi possível perceber que a mídia repercute o caso, mas não as ameaças nas suas redes sociais.

Para que o objetivo geral da pesquisa fosse respondido, foram elaborados outros objetivos específicos, onde foram discutidas as questões éticas da cobertura jornalística, no terceiro capítulo do trabalho. Os outros objetivos específicos que analisaram a cobertura da mídia no atentado à creche de Blumenau através das redes e a repercussão do caso e atenção dos veículos às ameaças de novos ataques, foram elaborados no quarto capítulo do trabalho. A partir dos objetivos específicos, que tratou sobre questões éticas da cobertura jornalística em atentados, foi possível perceber que não dar visibilidade ao agressor, que em muitos casos buscam fama e reconhecimento, foi a maneira mais usada de noticiar atentados como o da creche em Blumenau. Esse procedimento vai ao encontro dos cuidados apontados pelo Código de Ética dos Jornalistas, bem como as discussões no campo realizadas por Lankford e Madfis (2020) e Christofolletti (2008), que apontam para o enfoque da cobertura seja nos acontecimentos e nas vítimas.

A discussão do acontecimento, em relação aos processos de midiatização social, a partir dos conceitos de Braga (2012), Gomes (2016) e Sodré (2014), e as rotinas que envolvem o homem e a mídia Pink e Mackley (2013), partindo do processo de circulação em Neto (2010), Braga (2012) e Grohmann (2020). O capítulo trouxe também os conceitos de Lagerkvist (2022), que pensa as relações de limites entre o homem e a mídia, e a forma como a formação de bolhas sociais Barreto (2022), discursos de ódio e efeito contágio (Frazão, 2023) surgem. O capítulo se alinha também com um dos objetivos específicos, em que o processo de circulação das notícias foi pensado a partir da repercussão do caso através de publicações e comentários nas redes sociais.

Concluindo assim, foi possível perceber que para minimizar o “efeito contágio” que uma notícia pode causar, os veículos de comunicação vêm adotando medidas de não dar visibilidade ao agressor. Ainda assim, mesmo com os cuidados adotados pela maioria das emissoras analisadas neste trabalho, o atentado à creche de Blumenau ganhou uma grande proporção nas redes sociais a partir de boatos de novos ataques. Apesar de causar uma afetação social pela preocupação entre estudantes, familiares, escolas e poder público, a mídia não deu visibilidade aos boatos mesmo cobrindo a sua repercussão.

REFERÊNCIAS

Ameaças a escolas no 20 de abril: com reforço policial, escolas celebraram paz. **Band Jornalismo**, 2023. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/ataques-escolas-20-de-abril-celebracao-paz-16597080> Acesso em 13/11/2023.

Amorim, Marcelo Vinicius Costa. (2020): **(Diz)positivo para matar : uma análise sobre o discurso de ódio no Brasil contemporâneo**. IN: Letrônica : Revista Digital Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da PUCRS , Porto Alegre , V.13 , N.2 , DOI:ID35975, 2020. Web.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Coimbra: Ed. 70/LDA, 2009.

Barreto, Irineu. **Fake News: Anatomia Da Desinformação, Discurso De ódio E Erosão Da Democracia**. São Paulo: Saraiva Jur, 2022. Web.

Batista, Raphaele. (2022) **Ética e credibilidade no jornalismo: uma breve revisão dos conceitos na literatura internacional**. 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - Universidade Federal do Ceará (UFC).

Belloni, M. L. A. **Mídias, Culturas, Jovens e Violência Simbólica**. Revista Feminismos, [S. l.], v. 10, n. 1, 2022. DOI: 10.9771/rf.v10i1.45213. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45213>. Acesso em: 25 jun. 2023.

Borges, Caroline e Pacheco, John. Quatro crianças são mortas em ataque a creche em Blumenau; homem foi preso. **G1 SC**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-creche-blumenau.ghtml> Acesso em: 20/10/2023.

Braga, JL. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. **Mediação & midiaticização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

Caldas e Sales. **Autor de ataque a creche em Blumenau agiu sozinho, afirma Polícia Civil**. G1 SC e NSC TV, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/10/autor-de-ataque-a-creche-em-blumenau-agiu-sozinho-afirma-policia-civil.ghtml>. Acesso em: 13/11/2023.

Christofoletti, Rogério. **Ética no Jornalismo**. Web completa. Disponível em: https://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/primo-explore/fulldisplay?docid=puc01000422438&context=L&vid=PUC01&lang=pt_BR&search_scope=Acervo%20da%20Biblioteca&adaptor=Local%20Search%20Engine&isFrbr=true&tab=default_tab&query=any,contains,Christofoletti,%20Rog%C3%A9rio.%20%C3%89tica%20no%20Jornalismo.&sortby=rank&facet=frbrgroupid,include,343724531&offset=0. Acesso em: 30/09/2023.

crescimento em 2022. Safernet, 2023. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-crimes-de-discurso-de-odio-e-de-imagens-de-abuso-sexual-infantil-na-internet>. Acesso em 19/08/2023.

Denúncias de crimes de discurso de ódio e de imagens de abuso sexual infantil na internet têm Fausto, Neto Antonio. **As bordas da circulação**. (2010) ALCEU - v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun. 2010.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2007.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.

Frazão, Ana. O efeito contágio na era das redes sociais. **JOTA**, 2023. Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/o-efeito-contagio-na-era-das-redes-sociais-e-os-ataques-em-escolas-19042023>. Acesso em: 06/09/2023.

Freitas, M. M., & Gonçalves, C. S. (2020). **Violência e Representações Sociais: Discursos Jornalísticos sobre Tiroteio em Escola**. *PSI UNISC*, 4(2), 99-113. doi: 10.17058/psiunisc.v4i2.14936.

Gomes, Fabrício Vasconcelos. **Discurso De ódio**. São Paulo: Grupo Almedina, 2020. Web.

Gomes, P. G. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes**. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. ID22253, 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.2.22253. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Gonzatto, Marcelo. **Discurso de ódio avança nas redes, amplia temor em escolas e aciona alerta na sociedade**. *GZH*, Porto Alegre, 21/04/2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/04/discurso-de-odio-avanca-nas-redes-amplia-temor-em-escolas-e-aciona-alerta-na-sociedade-clgqxenag002a016xxorqvybg.html> Acesso em: 04/06/2023.

Grohmann R. **O que é circulação na comunicação?** Dimensões epistemológicas. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. e35881, 2020. DOI: 10.15448/1980-3729.2020.1.35881. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/35881>. Acesso em: 16 out. 2023.

Grupo Globo muda política sobre cobertura de massacres. **Jornal Nacional**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/04/05/grupo-globo-muda-politica-sobre-cobertura-de-massacres.ghtml>. Acesso em: 24/07/2023.

Grupo Record atualiza manual de conduta voltado aos profissionais do Jornalismo. **Record TV**, 2021. Disponível em:

<https://recordtv.r7.com/grupo-record-atualiza-manual-de-conduta-voltado-aos-profissionais-do-jornalismo-12082021>. Acesso em: 13/11/2023.

Homem que matou quatro crianças em Blumenau tem passagem pela polícia. **R7**, 2023.

Disponível em:

<https://recordtv.r7.com/hoje-em-dia/videos/homem-que-matou-quatro-criancas-em-blumenau-tem-passagem-pela-policia-05042023>. Acesso em: 17/11/2023.

Kien, Sara, Tatyanna Begay, Ashley Lee, and Anthony Stefanidis. "**Social Media During the School Shooting Contagion Period.**" *Violence and Gender* 6.4 (2019): 21-210. Web.

Lagerkvist, Amanda. **Existential Media: a media theory of the limit situation**. Uppsala: Oxford University Press, Usa, 2022.

Lankford, Adam, and Eric Madfis. "**Don't Name Them, Don't Show Them, But Report Everything Else: A Pragmatic Proposal for Denying Mass Killers the Attention They Seek and Deterring Future Offenders.**" *The American Behavioral Scientist* (Beverly Hills) 62.2 (2018): 260-79. Web.

Longhi, João Victor Rozatti. **Responsabilidade Civil E Redes Sociais : Retirada De Conteúdo, Perfis Falsos, Discurso De ódio E Fake News**. 2020.

Mais de oito mil denúncias sobre ameaças a escolas foram enviadas ao Ministério da Justiça desde ataque a creche. **Andi**, 2023. Disponível em: https://andi.org.br/infancia_midia/mais-de-oito-mil-denuncias-sobre-ameacas-a-escolas-foram-enviadas-ao-ministerio-da-justica-desde-ataque-a-creche/. Acesso em: 10/10/2023.

McLuhan, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem : understanding media**. Cultrix, 1969.

Muniz Sodré. **A Ciência Do Comum: Notas Para O Método Comunicacional**. Editora Vozes. Web.

Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil. **Andi**, 2023. Disponível em: https://andi.org.br/infancia_midia/os-dados-que-mostram-explosao-no-numero-de-ataques-a-escolas-no-brasil/. Acesso em: 06/09/2023.

Pink, Sarah and Leader Mackley, Kerstin (2013) **Saturated and Situated: Expanding the Meaning of Media in the Routines of Everyday Life, Media, Culture & Society**, 35:6, pp. 677–691.

Princípios Editoriais Grupo Globo. **G1**, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 16/11/2023.

Quatro crianças são mortas em ataque a creche de Blumenau, em Santa Catarina. **Band Jornalismo**, 2023. Disponível em:

<https://www.band.uol.com.br/noticias/creche-blumenau-atentado-16593796>. Acesso em: 17/11/2023.

Recuero, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p. ISBN: 978-85-205-0525-0

ReLuz (2022). Campanha Nacional pelo Direito à Educação. **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental**. (2022) Disponível em: <https://campanha.org.br/acervo/relatorio-ao-governo-de-transicao-o-ultraconservadorismo-e-e-extremismo-de-direita-entre-adolescentes-e-jovens-no-brasil-ataques-as-instituicoes-de-ensino-e-alternativas-para-a-acao-governamental/>. Acesso em: 30/09/2023.

Ripley, Amanda. **Solutions Journalism Network** – Complicando as narrativas (2019).

SBT exalta princípios do jornalismo em nova campanha. **Propmark**, 2013. Disponível em: <https://propmark.com.br/sbt-exalta-principios-do-jornalismo-em-nova-campanha/>. Acesso em: 13/11/2023.

Schafer, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton. **Discurso de ódio: Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar**. Revista de Informação Legislativa, Brasília, a. 52 n. 207, jul./set. 2015. Disponível em https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143.pdf.

Silva, Andressa De Bittencourt Siqueira Da. **Parâmetros Regulatórios E Autorregulatórios Do Discurso De ódio Nas Redes Sociais Online No Brasil, Na Alemanha E Na França : Um Estudo à Luz Do Direito Fundamental à Liberdade De Expressão Numa Democracia** (2021). Web.

Sobre o Programa. **SBT Rio Grande**, 2023. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/riograndedosul/jornalismo/sbt-rio-grande#apresentador>. Acesso em 14/11/2023.

Souza, Fernanda Ribeiro. **JOVENS E REDES SOCIAIS: DISCUSSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO MÉDIO**. Tese de Doutorado. 2022. Presidente Prudente. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/238494>. Acesso em: 17/11/2023.

Uma professora morre e três ficam feridas em ataque a escola estadual em SP; aluno também se feriu. **G1 SP e TV GLOBO**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/professores-e-alunos-sao-esfaqueados-dentro-de-escola-estadual-na-zona-sul-de-sp-diz-pm.ghtml>. Acesso em: 17/11/2023.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br